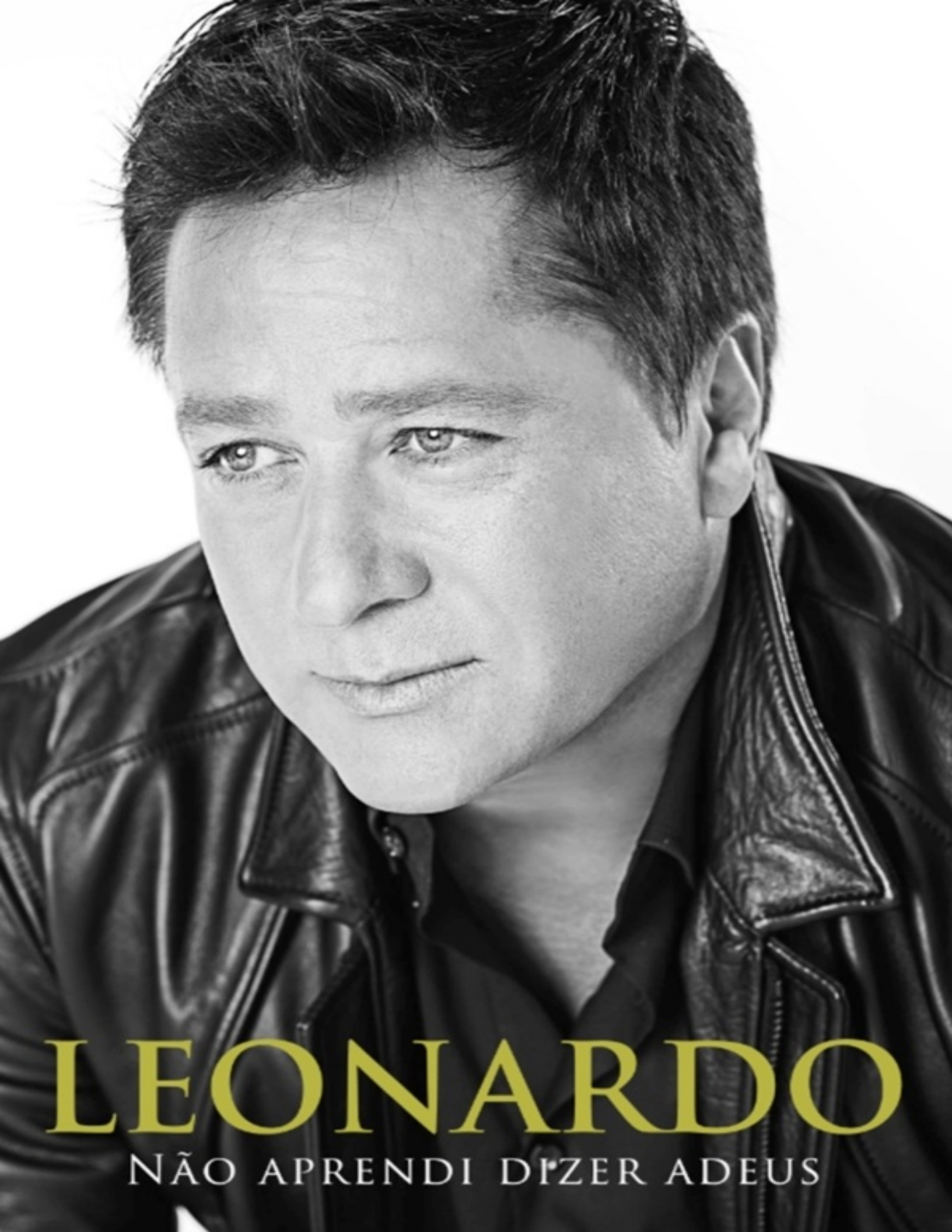




LEONARDO

NÃO APRENDI DIZER ADEUS



DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [eLivros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O [eLivros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [eLivros](#).

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar [Envie um livro](#) ;)

Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, [faça uma doação aqui](#) :)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by [ePubtoPDF](#)

Ficha Técnica

Copyright © 2013 Emival Eterno da Costa – Leonardo

Copyright © 2013 Media Bridge Produções Ltda.

Copyright © 2013 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial: Martha Ribas; Ana Cecilia Impellizieri Martins

Curadoria: Ricardo Amaral

Editora: Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente: Beatriz Sarlo

Copidesque: Bárbara Anaissi

Revisão: Beatriz de Freitas

Capa: Felipe Hernandez (Talismã Music)

Fotos de miolo: Acervo da família do autor; Revista Caras – páginas 185 e 217; (c) Sharon Kennedy / Dreamstime.com aberturas de capítulo; Glener Uehara – páginas 57, 71 e 226; Marcos Alves/Agência O Globo página 208; Marcelo Theobald / Agência O Globo página 235; Ailton de Freitas / Agência O Globo página 199

Foto de capa: Gabriel Matarazzo

Equipe Talismã Music: Willian Passarinho; Ede Cury; Fernanda Faria

Equipe Media Bridge: Angelo Salvetti; Diogo Boni; Cosimo Valerio

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L596n

Leonardo, 1963 Não aprendi dizer adeus / Leonardo. 1. ed. Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2013.

ISBN 9788577344079

1. Leonardo, 1963-. 2. Leandro, 1961-1998. 3. Cantores Brasil Biografia. 4. Música sertaneja. I. Título.

13-03238 CDD: 927.81642

CDU: 929:78.067.26

22/07/2013 23/07/2013

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, 1001 – Rio de Janeiro

21.2222-3167 21.2224-7461

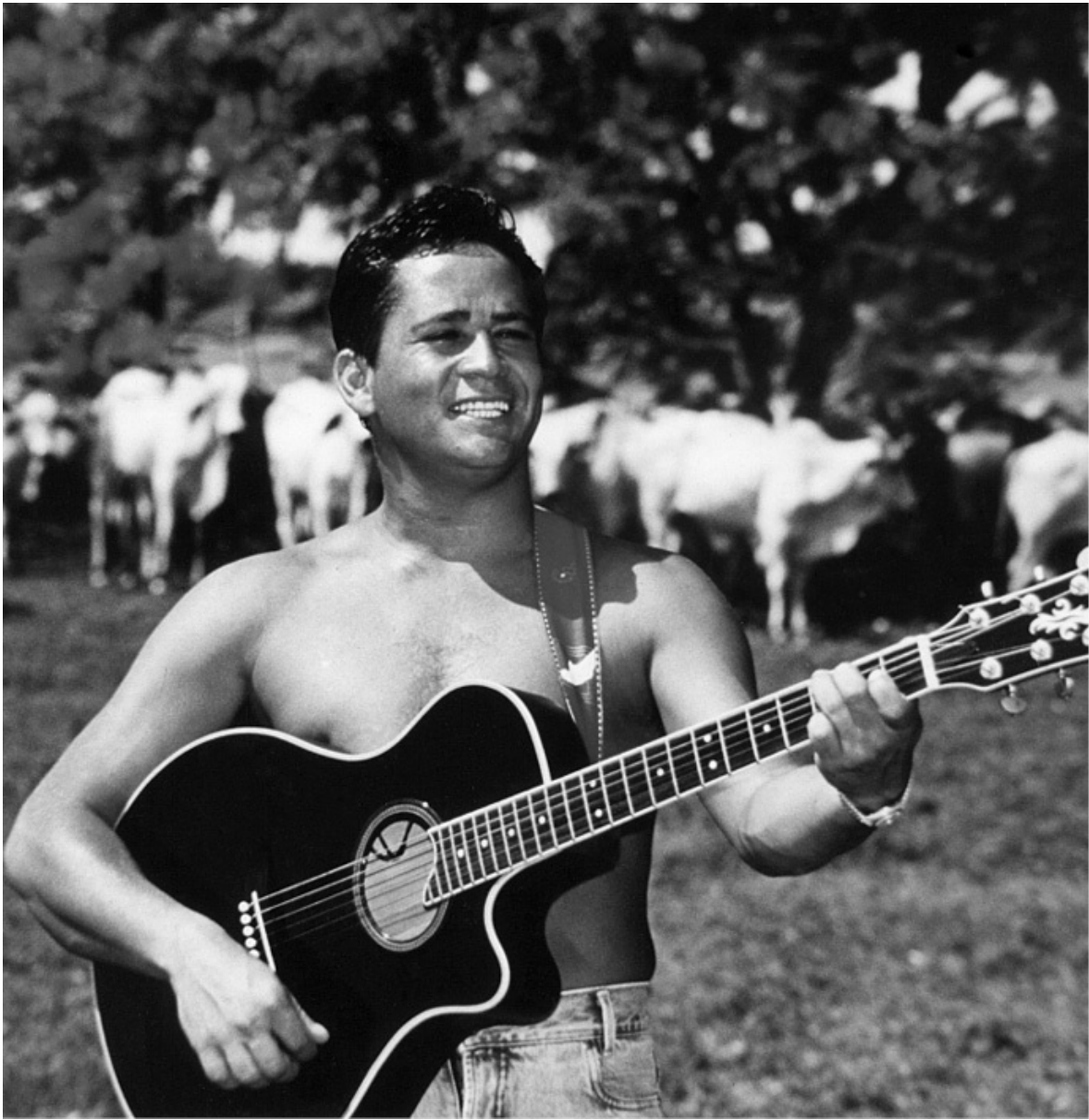
divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br



Na fazenda do Guapo.

ao Leandro



Na fazenda do Guapo.

Agradeço aos meus pais, seu Avelino e dona Carmen; aos meus irmãos, em especial meu saudoso irmão Leandro; ao meu querido tio Zé (*in memoriam*); à minha mulher Poliana Rocha; aos meus filhos; à minha linda neta Maria Sophia; a todos os profissionais envolvidos durante esta longa trajetória; ao meu escritório Talismã Music.

o sono
não chegou



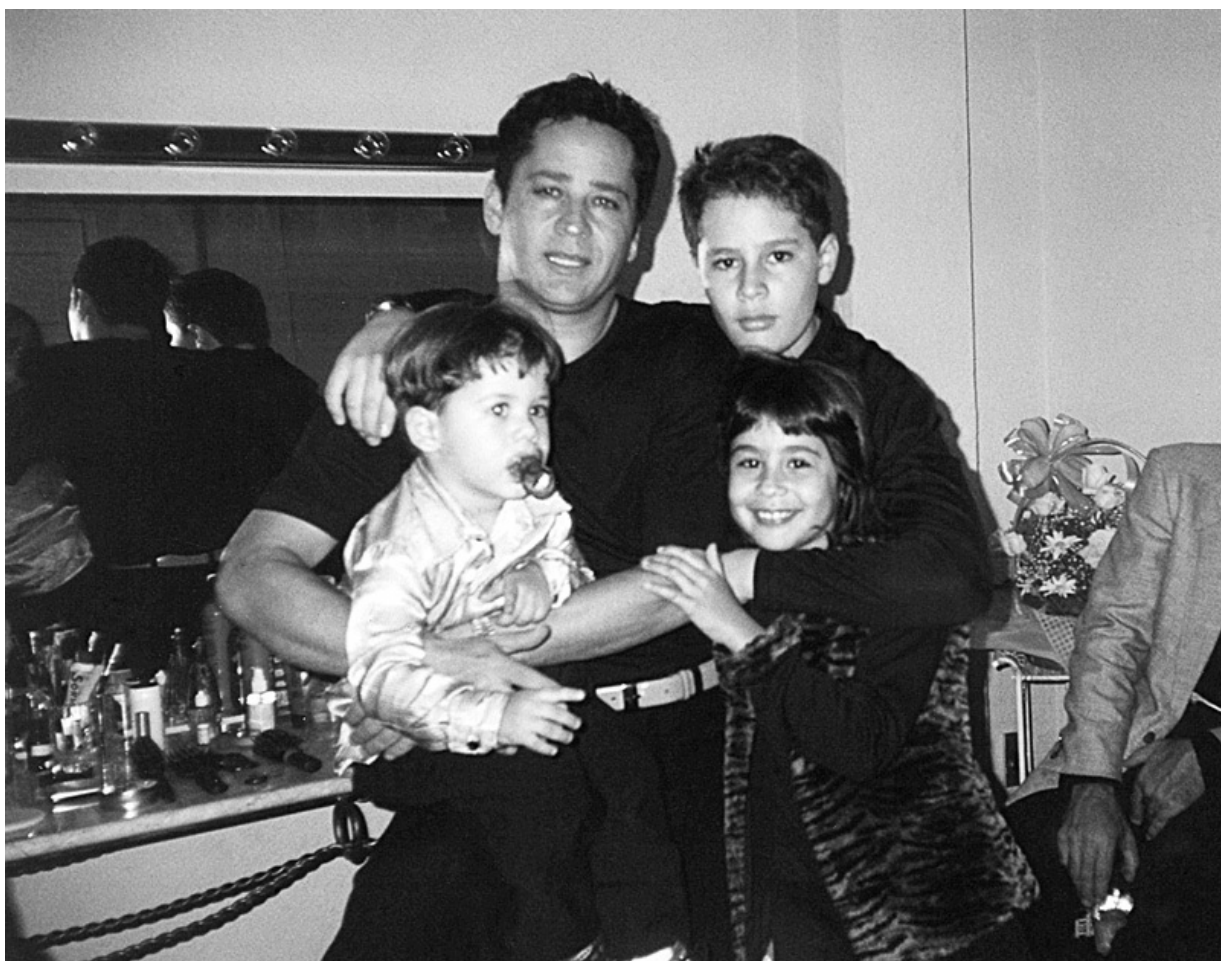
BOM MESMO É QUANDO A CRIANÇA CHEGA. Eu passo dias, semanas inteiras correndo esse mundão de Deus me livre, cantando para as multidões, recebendo o carinho de tanta gente, mas não troco por nada esse momento aqui. O Pedro, eu já encontrei ontem aqui na fazenda, descansando bastante na rede. Ele é de novo aquele meu velho menino, cada vez mais gordo, corado, logo vai estar cantando como antes. De manhã cedinho, chegaram a Isabella e a Jéssica. Minhas meninas que viraram mulheres! Dá sempre aquele medo de que elas encontrem aí pela vida um cabra safado que nem eu... Quê isso; sai pra lá, assombração! E, olha lá, é o Matheus entrando em casa! Bonito que nem o pai. E o José Felipe? Garoto de voz encorpada, vai ser um outro Leonardo, se Deus quiser. Só tava faltando o menorzinho, João Guilherme, moleque danado de bom, estrela de cinema, vai destruir muito coração.

É assim que eu me sinto bem, sabe? Eu queria ter sido aquele paizão, com todo mundo debaixo do mesmo teto, o tempo todo. Mas a vida faz dessas coisas que ninguém imagina. Olha eu aqui: aquele cara que não ia dar pra nada, que não atava nem desatava. O Leandro sempre dizia que era pra eu me ligar e tal, pra prestar atenção nas coisas, que eu só queria saber de distração. Mas a gente foi junto e foi, e foi. E agora eu tô aqui. Não tive tempo nem pra pensar se era isso mesmo que eu queria, se o melhor era mesmo ficar ali na terrinha, plantando e colhendo o que Deus dá, com aquela fileira de meninos pra ver crescer. O Criador tinha planos maiores para nós e é por isso que eu virei o Leonardo. Não era mesmo para eu continuar Emival, o Leandro sabia disso. Só eu que não sabia.

Tranquilidade eu não tenho mais. Desde que tudo aconteceu, não sei mais o que é isso. Não dá pra descuidar um minutinho só. Agora mesmo, tem uma equipe de TV acompanhando a gente aqui na fazenda. Cada passo, cada palavra, que nem carrapato. Mas o Pedro está se saindo bem, o Brasil inteiro vai ver esse milagre que Deus operou nele. Eu bem sei que os caras da TV vão querer juntar todo mundo numa cantoria, e a gente vai cantar. Se tem um negócio que eu aprendi com meu pai, o seu Avelino, é que todo mundo nessa família nasceu pra isso. Não tem essa de dizer que é tímido, que não se preparou, que não sabe a música... Aqui, todo mundo nasceu cantando ou, então, não é da família. Vê lá se eu fui discutir quando o Leandro e o meu pai me mandaram para a frente e falaram pra eu soltar a voz e me virar? Então, é

assim. É o sangue que corre nas veias de todos nós. É o destino, é mais forte do que tudo.

Outro dia eu sonhei de novo com o Leandro. Ele estava lá, bonitão, com todos nós, na casinha que a gente tinha em Goianápolis. Tempos bons aqueles! Mas o engraçado é que eu estava junto com meu filho, Zé Felipe, que ele nem chegou a conhecer direito. Mas não importa, né? Afinal, sonho é sonho. Bom, continuando com a história, o Leandro veio e me pediu dinheiro para comprar pirulito. Dei cinquenta reais e ele ainda perguntou se eu não tinha uma nota de cem! Ah, danado, isso era bem a cara dele! Brincalhão, mas sempre querendo mais. Sem pensar se ia dar ou não...



Leonardo com os filhos Zé Felipe, Jéssica e Pedro.

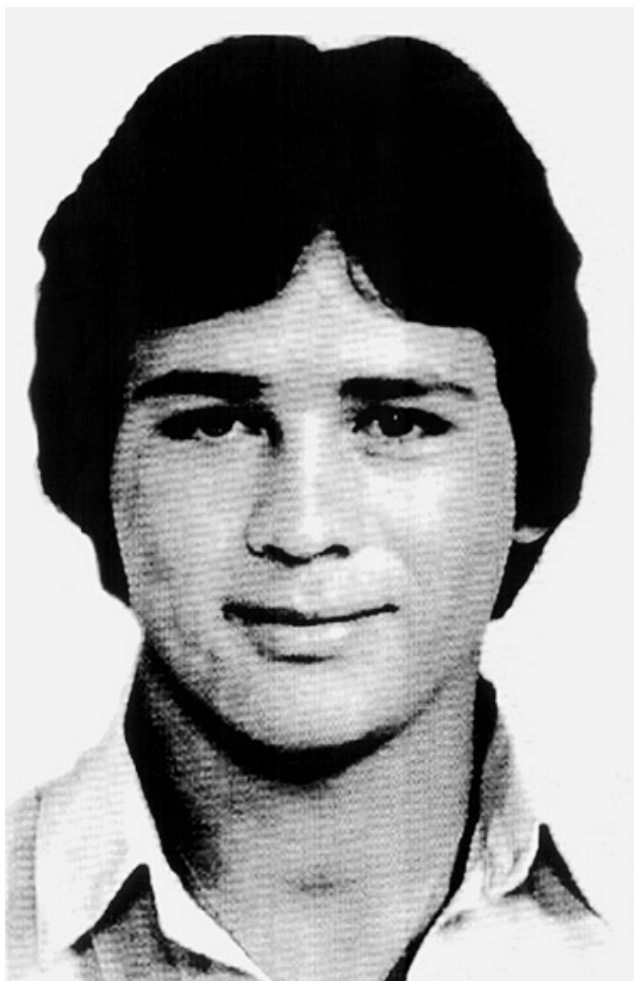


Os filhos de Leonardo: João Guilherme, Zé Felipe, Jéssica, Pedro, Isabella e Matheus.

Tô vendo daqui a produtora da TV chegar de mansinho na Ede Cury, nossa irmã de alma. A Ede, que pegou nós ainda caipira e ensinou nós a falar com os repórteres, a ficar bem na foto. Pelo jeito, tá na hora de reunir todo mundo para a cantoria. Por mim, eu ficava um pouco mais com os meninos, nadando no lago. Tinha tanta coisa que eu queria perguntar a eles, assim, sem ninguém mais ouvir... Esse negócio de cada um ser filho de uma mãe diferente é complicado. Mas foi desse jeito que a coisa aconteceu, paciência. Se não tem remédio, remediado está. Só queria que cada um deles soubesse que, mesmo distante, o meu amor é igual, imenso. Ops, a Ede tá vindo na minha direção... É, acho que agora não tem mais jeito mesmo, vamos juntar todo mundo. “Pense em mim”, é isso mesmo que a gente vai cantar? Não tem problema, nunca teve. É uma música que já trouxe tanta alegria, é ela que vai nos manter unidos. Ouve só, estão todos afinadinhos, sem ensaio nem nada. A câmera está lá, bem na cara da gente, luz vermelha acesa, mas eu nem ligo. Esse nosso amor, esse amor de família, é um negócio que todo mundo tem mesmo que conhecer.



Leonardo com 7 anos.



Leonardo com 23 anos.

No final das contas, foi bonito. E não teve jeito: chorei. Logo eu, que passei esses últimos anos pedindo desculpas pelas minhas lágrimas toda noite, em cima do palco. Chorei, chorei, e foi de pura felicidade. Mas agora que a noite vem chegando, o que bate é um bocadinho de tristeza, daquela bem fininha, que machuca fundo. Um por um, os meninos vão caindo de sono. Exaustos, no fim de um dia cheio. Pedrão, ai que bom foi ver você, seu peãozinho velho de meia-tigela, subindo no cavalo, tocando a boiada e cortando a estrada! O último a resistir acordado foi o João, que eu pego no colo e levo até a cama, antes de me entregar aos meus fantasmas, aqueles que só saem altas horas da noite. O vento me sopra as vozes deles.

As lembranças são minhas companheiras nesta noite em que os amigos da festa estão distantes. Muito longe, a pelo menos uns 40 minutos de avião desse

lugar aqui, no meio do nada. O silêncio da casa amplifica as vozes na minha cabeça. A noite vai ser longa, é uma boa oportunidade para abrir uma cerveja e viajar, para rever os amigos que não estão mais ao alcance da vista. Aqueles que foram pra outra dimensão, que Deus os tenha em bom lugar. Sentado na varanda, no meio da escuridão, olho para o nada. Não tem disco voador, nem alma penada. É o *flashback* de uma vida inteira que passa voando, feito *trailer* de filme, diante dos olhos cansados. Dizem que esse *flashback* é o que acontece quando alguém está prestes a morrer, mas tenho certeza de que isso não é comigo. Não agora, pelo menos.

Os 50 anos de idade chegaram e sei que pelo menos outros 50 vão passar até que eu dê conta da minha missão. Afinal, não foi à toa que meu pai e minha mãe me batizaram de Emival Eterno da Costa. Para sempre. Vou resistir, sei que vou. Enquanto me quiserem cantando, eu canto, de bom grado. Mas, cá pra nós, de todo esse tempo que eu tenho pela frente, eu gostaria de reservar um bocadinho a mais para viver isso aqui: a minha família, a minha vida de Emival. Tenho esse povo todo aqui de casa para encaminhar, botar na linha, mesmo que eu não seja o melhor exemplo de pessoa que andou reto. Eu queria um tempo a mais também para conseguir entender como é que tudo aconteceu, como é que esse capiauzinho virou Leonardo. E como esse Leonardo, junto com esse Leandro, botou um país inteiro pra cantar. Dois irmãos pobres, da roça de Goianópolis, que só podiam sonhar.

Eu aqui, cada vez mais sem sono, começo a pensar no quanto falta para amanhecer. Muitas horas. E as imagens insistem em vir, em turbilhão, parece que a cabeça vai explodir. Ai, meu Deus, a hora é essa, não dá mais para adiar. O rio das memórias transbordou, o melhor que faço é me deixar levar pelo aguaceiro. Respiro fundo, dou mais um gole e espero pela próxima onda de pensamentos. Logo, uma sensação gostosa envolve o corpo, sinal de que a silenciosa viagem já começou.

PENSE EM MIM

*Em vez de você ficar
pensando nele,
Em vez de você viver
chorando por ele,*

*Pense em mim,
chore por mim*

Composição Douglas Maio/ José Ribeiro/ Mário Soares

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Alvorada/ Chantecler (1990)

talvez você
se lembre



O SOL É DE RACHAR. Queima a pele e faz escorrer pela testa um suor que cai no olho e arde pra danar. E não faz diferença para o sol malvado que estejam ali, sob os seus raios implacáveis, dois meninos bem miúdos, trabalhando na roça, com um afinco de adultos, entre fileiras e fileiras de pés carregados. É ali que eu me vejo, no começo dessa viagem pelo tempo: aos 8 anos de idade, ao lado do Leandro, de 9, quase 10 anos. Carinhas sujas, mãozinhas calejadas, carregando com dificuldade os caixotes de tomate e esperando a hora de voltar para a nossa casinha, que não era mais confortável do que a plantação. Mas que irradiava felicidade.

Ali estava uma família humilde, boa, temente a Deus, como tantas outras desse Brasilão sem fronteiras. Uma família que começou a se formar no dia 22 de setembro de 1956, quando seu Avelino Virgulino da Costa e dona Carmen Divina da Silva, que eram lavradores em Goianápolis, lá no interior de Goiás, se casaram na igreja da cidade. Um casal simples, sem muita instrução, mas para lá de satisfeito com o que lhe foi reservado: uma roça para dar o sustento, um teto firme para abrigar do sol, da chuva e do sereno e uma violinha para alegrar a noite. Os primeiros filhos que vieram desse casamento foram meninas: a Cida e a Fátima. Depois, foi a vez do Luís José (o Leandro) e desse seu criado aqui, Emival Eterno. E pensa que parou por aí? Ainda chegaram o Elismar Carlos, a Carmem Lúcia, o Robson Alessandro e a Mariana. Afinal, família boa é família grande.

Eu e Leandro nascemos na fazenda São Roque, que era do tio Ângelo, irmão de nossa mãe. Mas a vida, como vocês vão ver ao longo desta prosa, não foi nada fácil. O nosso pai, trabalhador que não cansava com nada e fazia de tudo para ver os filhos bem, começou plantando arroz, milho e feijão. Só depois é que vieram os tomates, as hortaliças. Quando eu nasci, o quarto filho, dona Carmen teve que se virar, costurando para fora, fazendo roupas para o povo da região. Ela ganhava pouco com isso, mas seguia na fé em Deus, na confiança de que um dia tudo ia melhorar para nós. Minha mãe sempre foi uma lutadora, criou aqueles meninos no braço forte. Nem lembro quantas foram as vezes que dona Carmen cuidou das crianças sozinha, enquanto o pai estava fora, trabalhando em algum lugar distante. Foram tempos duros, moço, mas a gente sempre dava um jeito. A gente era como todos esses brasileiros que têm sobrenome Costa, a gente penava para sobreviver, mas não esmorecia.

Crescemos todos espremidinhos nas acomodações do paiol, dormindo nas caminhas de palha, torcendo para os porquinhos não fazerem muito barulho de noite... Mas todo mundo feliz, otimista que só. A roça tem dessas coisas, dá para viver com muito pouco, na paz do Senhor. O natural, e, mais do que isso, o destino, era que eu e Leandro não desgrudássemos um do outro. Na plantação, eu ficava bobo com aquele meu irmão mais velho, bem mais responsável que eu, determinado feito um santo... Um garoto que parecia ter muitos anos a mais do que os seus pouco mais de 9. Eu ajudava na roça de dia e ia à escola de noite. O Leandro trabalhava sem reclamar, muitas vezes além da força que tinha. Ele era diferente, sabe? Desde pequeno. Um sujeitinho muito sério, e eu cansava de mangar dele. Mereci cada cascudo que levei! Só não conseguia ficar longe do meu irmão.

Duma feita, o Leandro deu um susto em todo mundo. Tinha uns 6 anos de idade. O pai, pra variar, viajou para trabalhar em alguma plantação distante, e a mãe ficou sozinha em casa com as crianças. Medroso que só, e sem conseguir pegar no sono, ele pediu pra dormir com ela. Até aí, tudo bem. Não era nada que dona Carmen nunca tivesse tido que fazer. Ela ralhava, mas a verdade é que ela gostava de mimar o Leandro. A noite seguiu calma até que, de repente, do nada, esse menino ficou branco feito vela, parecia que o sangue todo tinha sumido das veias dele! A mãe perguntou, assustada: “O que foi, meu filho?” Gaguejando, o Leandro disse que tinha visto Nossa Senhora na parede em frente à cama. A mãe não enxergou nada ali, mas ele insistiu: “Tá lá, tá lá! Bem clarinha, olha lá que a senhora vê!” Ela forçou a vista até onde pôde e nada. Foi aí que ele avisou: “Mãe, ela saiu pela porta!”

Foi um negócio muito forte aquilo, ainda mais para uma criança. Aquela visão acompanhou o Leandro pela vida inteira. A mãe diz até que isso aconteceu porque ele era meio vidente, conseguia prever as coisas. Eu acredito. E o Leandro também tinha uma coisa muito maluca: detestava passar em frente a qualquer cruz que encontrasse pelo caminho. Às vezes, ele ia levar comida para o pai na roça, passava perto de uma cruz e ficava ali parado, brincando, até que alguém passava e aí ele aproveitava para ir do lado da pessoa. Não dava para acreditar: o almoço do pai atrasava porque ele ficava empacado em alguma cruz! Ah, e o Leandro também tinha um medo danado de cachorro, não podia passar perto de um que saía correndo, para se esconder! A gente até fazia aposta. Se por acaso tivesse um monte de gente reunida e um cachorro aparecesse, era barbada que o bicho ia direto em cima dele. Como ficava apavorado esse meu irmão quando isso acontecia!



Na roça, plantação de tomate. Da esquerda para a direita: Leonardo, Ziquinha, Leandro ao fundo, Dagmar na frente, Sinomar ao fundo e um amigo.

Com o tempo, apesar de todo o trabalho e todas as orações da dona Carmen, a vida da gente não melhorou muito. O pai vivia comprando fiado no armazém, e mesmo assim tinha dias que faltava comida em casa. Uma vizinha é que ajudava a gente a não passar fome. O trem foi esquisito, moço! Nós trabalhando 365 dias por ano, sempre naquela fé, mas nunca ganhando nada. A lavoura não rendia o bastante nem para comprar uma bicicleta, imagina só! Mesmo assim, eu e Leandro começamos a estudar. Era dureza, mas a gente foi levando.

O Leandro era sempre meio arredio com esse negócio de escola. Meu pai gostava de cantar e ele ia sempre atrás. Eu dormia com os dois cantando. O pai até ficava preocupado porque eles dois acabavam entrando pela noite com a

cantoria e o Leandro tinha que ir cedo, no dia seguinte, para a roça. Minha mãe fazia café e eles ficavam lá, sem se importar com mais nada, só em fazer bonito com aquelas músicas.

É, aí não teve jeito: aos 14 anos, a música chegou forte para o meu irmão. Ele gostava mesmo daquilo que a gente ouvia em casa, a música caipira, o sertanejo da raiz. Tonico e Tinoco, Trio Parada Dura, Matogrosso e Matias, Duduca e Dalvan, Tião Carreiro e Pardinho, Milionário e José Rico. Esse povo todo. Era neles que o Leandro se mirava, imaginando o dia em que ia ser famoso. E com dinheiro suficiente para nunca mais passar necessidade nessa vida.

Eu gostava de música também, mas o meu negócio era com a lavoura, justamente por eu ver todo o sofrimento do meu pai e por querer ajudá-lo. Eu gostava da roça, mas ela é que não era muito boa para a gente. Eu nunca vou esquecer quando nós éramos pequeninhos e, um dia, depois do trabalho, nossa mãe botou os dois numa bacia para dar banho. Saímos, fomos nos secar e, quando olhamos para a água, vimos que ela estava branquinha, só do veneno que aplicavam na lavoura. Dona Carmen não aguentou ver aquilo e começou a chorar, de desespero, de medo que aqueles meninos tão pequenos e trabalhadores, os seus filhos, pudessem ficar intoxicados, doentes ou coisa pior. Mas eu não tinha medo, não.

Naquele tempo, eu já tinha aprendido a compensar a dureza da vida com muita brincadeira. Aos poucos, eu estava virando esse sacana de marca maior que vocês conhecem. Imagina que o povo que ia para a roça levava umas garrafinhas, daquelas de guaraná, só que cheias de café. Todo mundo era fumante e precisava ficar dando umas bicadinhas naquilo, o dia inteiro, para conseguir trabalhar bem. Eles escondiam as garrafinhas nos pés de tomate, mas eu, de molecagem, ia lá e bebia tudo, no gargalo. Só deixava a rolha, que era feita de palha. Eu vivia com diarreia de tanto beber o café do povo! Quando um perguntava pelas garrafinhas, tinha sempre outro que dizia: “Aquele filho do Avelino já passou aqui. Aquilo é o cão puro, gente!”

E quando não era na plantação, era na cidade. Tinha um motorista que sempre largava o táxi aberto e ficava sentado no boteco. Sabe como é, raramente tinha passageiro em Goianápolis. Um dia, eu e uns dois meninos quebramos uma cana e ficamos lá chupando ela e jogando o bagaço dentro do táxi dele. Moço, quando ele viu aquilo, ele veio pra cima de nós. A gente desatou a correr e ele veio atrás, de carro, cercando a gente nas esquinas. Quando a gente se separou, ele resolveu ir atrás de mim, logo o cara mais

errado! Quando eu vi que não dava jeito mesmo de escapar, saltei no quintal da dona Teresinha. Caí em cima de uma roseira e já ia me arranhando todo com os espinhos quando vi o pastor alemão dela vindo em cima de mim. Eu estava subindo de novo o muro quando escutei o motorista gritar: “Não adianta, eu vou na casa do seu pai contar para ele.” Bom, tomei uma surra do pai e ficou por isso mesmo.

Naquele tempo, eu pensava assim: “Pelo menos eu tenho que agarrar isso aqui, esse trabalho na roça, pra não deixar seu Avelino sozinho.” Depois que começou a se interessar pela música, a levar a sério o negócio, tinha vezes que o Leandro nem ia para a plantação. Ele sempre tinha outras coisas pra fazer: mexia com gincana de colégio, fazia serenata na madrugada... Não critico ele por nada, porque ele foi o responsável por a gente ter sido o que foi. Se dependesse só de mim, eu jamais teria cantado nessa vida. Seria meeiro até hoje. Porque a verdade é esta: só plantando lavoura, como a gente fazia, você nunca vai ser fazendeiro. Vai ser sempre empregado, vai morrer na pobreza. A verdade é cruel, mas é essa!

O Leandro, ah, esse sim sempre soube o que queria. Ele não jogava futebol – aliás, como ele era ruim de bola! – e não brincava de nada que eu me lembre. Em compensação, ele sabia bem como conseguir as coisas de valor, aquelas que faziam falta. Menino ainda, ele resolveu que ia ganhar dinheiro. Pegou um caixote de carregar tomate, desmanchou ele com um facão e fez uma caixa de engraxate. Foi na venda e levou fiado a graxa, pegou a escova de sapato do pai, um pano da mãe e sumiu no mundo. Quando voltou, ele estava com uma caixa de engraxate bonita, de luxo, que comprou de outro menino com o dinheiro que arrecadou lustrando sapatos. Ô, moleque tihoso! E vaidoso também, porque todo o dinheiro que ganhou daí pra frente ele gastou em tecido, que a mãe usou para fazer umas calças e camisas lindas que só.

O sonho do Leandro, desde menino, era ser artista. Ele passava um tempão vendo televisão na casa da prima Anália, que era manicure. Tomava conta do filho dela, o Leonardo, e ela, em troca, cuidava das unhas dele, que viviam sujas de terra. A primeira chance na carreira apareceu quando ele tinha uns 15 anos e chegou lá na cidade, vinda de Vianópolis, uma banda de baile chamada Os Dominantes. O Leandro já era meio famoso como cantor entre a vizinhança, e até o prefeito se sensibilizou e foi perguntar ao dono da banda se eles não topavam fazer um teste com um menino muito talentoso da terra. E não é que eles gostaram do Leandro e até convidaram ele pra cantar com a banda? Daqui a pouco, lá estava indo o nosso irmão, de mala e cuia, para Vianópolis, para

iniciar carreira com Os Dominantes.

Não vou dizer que foi fácil para o Leandro, ainda menor de idade, conseguir sair de casa e embarcar naquela Kombi caindo aos pedaços que levava a banda pra lá e pra cá. A mãe fez ele prometer continuar no colégio e ir também à missa todo domingo. E eu não me conformei, juro! Me doeu muito ver o meu irmão mais velho, o meu ídolo, ir embora assim, todo metidinho, de roupa transada, creme no cabelo, unhas limpinhas, nos trinquês, para virar famoso. Fiquei entre os pés de tomate remoendo a minha tristeza, enquanto lá, em Vianópolis, ele se virava para aprender a cantar aquelas músicas em inglês que tocavam no rádio. Era muito engenhoso o que o Leandro fazia, veja só: ele ficava ouvindo o disco várias vezes e depois escrevia a letra num papel, como se ela fosse em português. Só para decorar a pronúncia. Ele não tinha a menor ideia do que o cara estava dizendo, mas fazia bonito e enganava todo mundo. E como fazia sucesso o safado! O que tinha de menininha atrás dele não era brincadeira. Podia ser só um garoto, mas era um astro!

E é lógico que essa farra toda não podia durar, né? A mãe tinha ouvido uma fofoca lá sobre um dos músicos, que estaria mexendo com umas coisas estranhas... E aí um dia ela se despencou junto com o pai lá para Vianópolis, pra fazer uma visita surpresa na casa dos Dominantes. Pra quê! Chegando lá, eles encontraram uma bagunça só, tinha até prato de comida debaixo da cama. O Leandro, coitado, tava magrinho, na maior penúria. E foi aquela confusão, aquela bronca. Dois anos depois de ter deixado ele ir embora, os dois trouxeram o menino de volta pra casa, mesmo contra a vontade dele. O que eu sei é que dinheiro ele não ganhou por lá. Mas experiência, isso sim ele teve de sobra. Leandro voltou pra plantação de tomate, mas o sonho de ser cantor ele não deixou pra trás, não. Era só uma questão de tempo. E de perseverança.



Seu Avelino e D. Carmen, o começo de tudo.



A família Buscapé reunida.

é por você
que canto



COMO É QUE EU VIREI CANTOR? Ah, essa é uma boa história, rapaz. Mesmo ainda trabalhando lá na roça, o Leandro seguiu buscando uma forma de prosperar nesse negócio da música. Arrumou uns parceiros e foi se virando por aí. E eu ficava só olhando, na minha. Eu gostava mesmo era de cantar no meio dos tomates, mas só quando não tinha ninguém ouvindo. O pai chegava de mansinho e sempre me pegava na cantoria. Flagra total. Eu lembro bem de ele dizer: “Que voz boa que esse moleque tem!” Mas, ó, nunca levei isso em consideração. Nem tinha como. A verdade era uma só: eu não era artista. O Leandro é que sempre foi o mais atiradinho. Enquanto ele se exibia, eu ficava me escondendo pelos cantos, sempre muito envergonhado, retraído. Perguntem à dona Carmen e ela vai contar que quando eu era pequeno e vinha uma visita lá em casa, eu corria para me enfiar debaixo da saia dela.

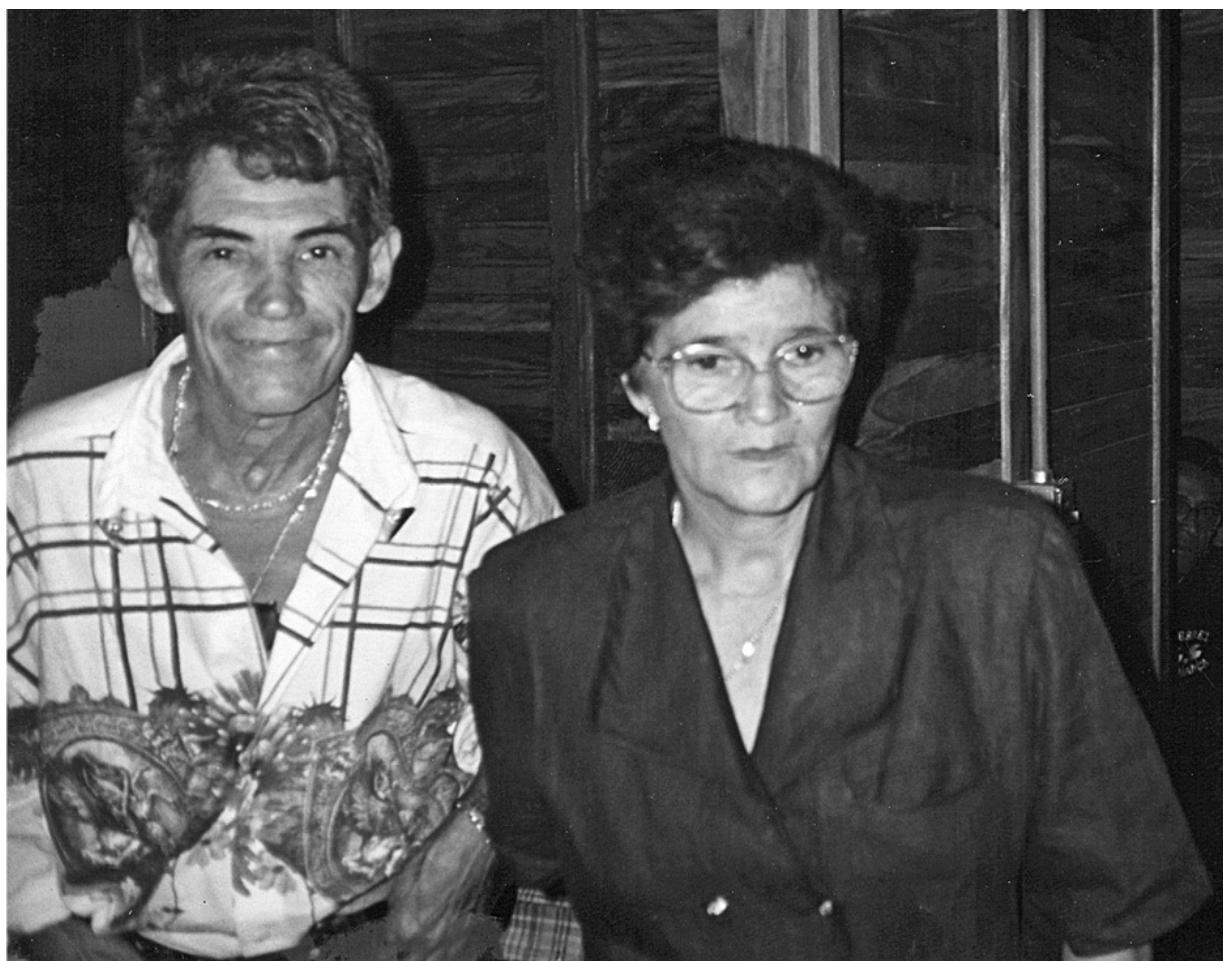
Os meus amigos de classe sabiam que eu cantava e viviam falando para eu fazer inscrição num desses concursos de música do colégio. E eu fazia? Nada. Chegou um dia em que eles me inscreveram, praticamente me obrigando a cantar. E diziam: “Você vai arrebentar!” Sabe o que eu fazia? No dia do concurso, eu ia para a roça, quietinho, e só voltava de noite. Eu não queria cantar em público de jeito nenhum, era um constrangimento, nem dormir eu conseguia, só pensando em todo mundo que ia lá pra me ouvir. Eu acho que o fato de até hoje eu ficar fazendo graça, tudo isso é só pra esconder aquela desgraçada timidez que me persegue desde criança. Agora mesmo, eu fico pensando o que eu vou fazer no *Faustão*. Depois de fazer esse programa sessenta vezes, eu ainda estou me tremendo porque vou ter que cantar lá!

Com o Leandro, não tinha nada disso. Ele era desembaraçado, soltava a voz mesmo, e as meninas só ficavam do lado dele. Dava uma raiva, não sobrava nenhuma pra mim! Mas quer saber por que acontecia isso? Porque ele cantava música popular brasileira! Sertanejo, naquela época, ele nem arriscava. E a razão disso é simples demais: ele ainda não tinha uma primeira voz para cantar com ele.

Mas aí teve o seguinte: um dia, a gente foi à casa do Valdomiro, um amigo nosso que era metido a cantar, mas que era muito, muito ruim, apesar de ser um poço de boa vontade. O Leandro pegou o violão e atacou uma música do Matogrosso & Mathias, “Falso juramento”. Eu lá, entrei de bobeira, comecei a cantar também, mas não muito perto deles. Aí o danado do Leandro ouviu e

rapidinho me chamou: “Emival, vem aqui, canta um pedaço dessa música aqui.” Eu fui, ressabiado, relaxando bem devagar, até esquecer que estava ali, fazendo aquilo. No fim, no meio dos aplausos, ouvi um palavrão: “PQP!” Era o Leandro, só pra me dizer que eu era melhor do que todos os parceiros com quem ele tinha cantado até então e que era para eu deixar de ser bobo e tal. Lembrei do que o pai falava e tomei coragem. No Dia das Mães, o Leandro me chamou de novo para cantar um sertanejo com ele, no colégio. E o povo gostou. Nessa vez, a gente cantou “Pedaço da minha vida”, também do Matogrosso & Mathias. Eu quase morri de tão nervoso! Eu já tinha uns 17 pra 18 anos, até que comecei tarde...

Nisso, o tio Jaime, que estava lá naquele dia no colégio, perguntou se a gente queria cantar na rádio São Francisco, de Anápolis. E eu, daquele meu jeito chucro, fui logo respondendo: “Não quero cantar em lugar nenhum! Quero mexer com esse trem, não!” Mas adiantou de algo espernear? Nada! O tio fez que não ouviu e disse que ia marcar para a gente ir lá.



Tio Zé e dona Carmen, sua mãe.



Leonardo e dona Carmen.

Olha, meu amigo, o que eu sei é que eu fui. Mal cheguei na rádio, naquele ambiente esquisito dos infernos, e eu já estava louco para ir embora, morto de vergonha. Pra melhorar, naquela tarde, no estúdio, tinha uma dupla antiga, chamada Galvão e Galvãozinho. Uns catireiros com uns dentão de ouro. Eles riam, os dentão ficavam aparecendo! Depois que nós cantamos – e eu te juro, não foi nada fácil pra mim, eu suava feito um porco na frente do microfone –, um deles chegou, todo camarada, me abraçou e disse assim: “Cês vai ser sucesso, muito boa a dupla d’ocês! Pode pegar a estrada que vai ser sucesso!” Naquela hora, eu aprendi uma lição: você tem que saber receber elogios. E, principalmente, tem que saber de quem é que você está recebendo. Porque pode ser deboche, né? Disso, eu nunca mais me esqueci.

Bom, como vocês devem ter percebido, foi ali na rádio que tudo começou para nós. Dali em diante, não tinha quem segurasse a dupla. Saímos cantando por tudo que era canto que aparecia: barzinho, feira agropecuária, comício eleitoral, batizado de boneca, cabaré, velório... Chamou e ofereceu um trocado para a gasolina, nós ia. Quem dava muito apoio para a dupla era a prima Anália, que ia sempre às apresentações para ficar aplaudindo.

Era a Anália também que tentava me colocar na linha, me ensinar a me vestir. Com o Leandro tudo dava certo, ele estava sempre pintoso. Ele sabia desfilar naquelas roupas, parecia um modelo. Comigo não tinha jeito, eu realmente não prestava para aquele tipo de coisa. Na verdade, acho que até hoje não aprendi! Se arrumar, se pentear, ficar elegante... Meu trem era cantar, fazer aquela primeira voz bonita, cheia de vibrato, para o Leandro cair matando. Vestido de cantor, eu era igual a um boneco de ventríloquo, nenhuma roupa assentava direito. Todo mundo ria de mim, e com toda a razão. Eu ainda tinha que aprender muito. Porque, na vida, tem gente que nasce artista e tem gente que vira artista.

E aí eu virei artista, na base do chicote no lombo. Sofri muito, mas tô aqui, né? E vou dizer uma coisa mais, seu moço: se a coisa tava mudando pra mim, aquele plantador de tomate sem eira nem beira lá de Goianápolis, ela também tava virando de ponta-cabeça pra toda a música sertaneja. O progresso, as estradas, a televisão, tudo isso transformou a vida do caipira. E já não era mais qualquer tipo de música que esse povo queria escutar, não.

Rapaz, ninguém gosta mais das violinhas do que eu, mas naqueles tempos aquilo tudo tinha ficado – como é que eu vou dizer? – meio ultrapassado. A gente adorava aquelas duplas sertanejas cantando em terça, era a coisa mais

bonita do mundo. Mas por que a gente não podia fazer aquilo com umas guitarras transadas, uns órgãos bacanas, com aquele som cheio, bonito, da rádio FM? O Leandro sabia disso, tanto que foi fazer aquele estágio no baile, com Os Dominantes. Até cantar em inglês o safado aprendeu! Por que nós não podia evoluir?

Mesmo lá nos matão sem fim, a gente via as coisas acontecendo. Já tinha o Leo Canhoto e Robertinho, uns sertanejos que se vestiam como roqueiros e posavam com umas guitarras, cantando aquelas músicas de filme de banguê-bangue americano. Mas, olha, revolução mesmo foi quando chegaram aqueles meninos de cabelo comprido, Chitãozinho e Xororó, cantando aquela música “Fio de cabelo”.

*E hoje o que eu encontrei me deixou mais triste
um pedacinho dela que existe
um fio de cabelo no meu paletó
Lembrei de tudo entre nós, do amor vivido
aquele fio de cabelo comprido
já esteve grudado em nosso suor*

Eu me arrepio até hoje de cantar isso, ô coisa bonita, que melodia!

Eu lembro bem: era a gente começando carreira, e Chitãozinho e Xororó com disco na loja, vendendo que não acabava mais. Só aquele LP deles, *Somos apaixonados*, vendeu 1,5 milhão de cópias. Coisa que só Roberto Carlos, o Rei, conseguia vender! Nem eu nem o Leandro sonhávamos com aquilo tudo.

Mas aquela roupagem musical diferente me deu firmeza para cantar. Enfim, eu tinha achado o meu lugar, era justamente aquilo que eu queria fazer! Cê acredita que eu matava aula só pra ficar ouvindo as músicas do Chitãozinho e Xororó lá na casa de um amigo meu? Pois é, moço. “Amor a três”, “Amante amada”, eu adorava todas elas. Escutei aqueles discos até furar, tentando aprender como é que eles faziam. Enquanto isso, modéstia à parte, eu e Leandro íamos ganhando nossos primeiros fãs. Os amigos de Goianápolis viviam falando: “Vem cantar aqui em casa!” E a gente ia, feliz da vida. Uns riam da gente, outros criticavam, mas tinha sempre os apaixonados, os que davam apoio e diziam para a gente continuar. “Cês vai ser sucesso!” Eu não conseguia tirar da cabeça a frase daquele catireiro dos dentão de ouro!

Vida que segue, um dia eu cheguei da roça e tinha um circo na porta da minha casa. Ele estava num lote grande, o nosso campinho de futebol, que a prefeitura liberava para os circos armarem suas tendas. Eles anunciaram que uma dupla sertaneja de Goiânia ia cantar lá naquela noite: Zazá e Zezé. O Zezé, vocês devem estar imaginando, é esse mesmo: o Zezé Di Camargo. Nossa, era uma dupla de que eu gostava demais! Quando era criança, Zezé cantava com o irmão. Era Camargo e Camarguinho o nome da dupla. Numa viagem, voltando do Maranhão, o menino morreu num acidente. O Zezé ficou arrasado, e demorou até achar o Zazá. Eles estavam com duas músicas estouradas, “A caminho do além” e “Canção pra Vera”. O Zezé era muito bonitinho, todo arrumadinho, as mulherada gostava muito dele. Depois que se separou do Zazá, ele tentou carreira solo, mas aí descobriu que o irmão mais novo cantava e foi aquela coisa: Zezé Di Camargo & Luciano.

Só que naquela noite estava tudo lotado no circo, tudo vendido. Ô diacho! Mas eu tinha que dar um jeito de entrar com o Leandro! Bom, aí a sorte acabou ajudando a gente. O caso é que o dono do circo sempre pedia água lá em casa. Água de poço, dessas que você tem que descer o balde para pegar, sabe? Ele falou pra mim: “Se à tarde, na boca da noite, você e o seu irmão jogarem água para baixar a poeira do circo todo, cês pode entrá aqui. Cês entra pelo fundo.” “Opa, é agora!”, eu falei. Molhei aquele circo inteiro, lavei tudo, e, quando foi à noite, ele disse: “Vou pôr ocês lá no camarim.”

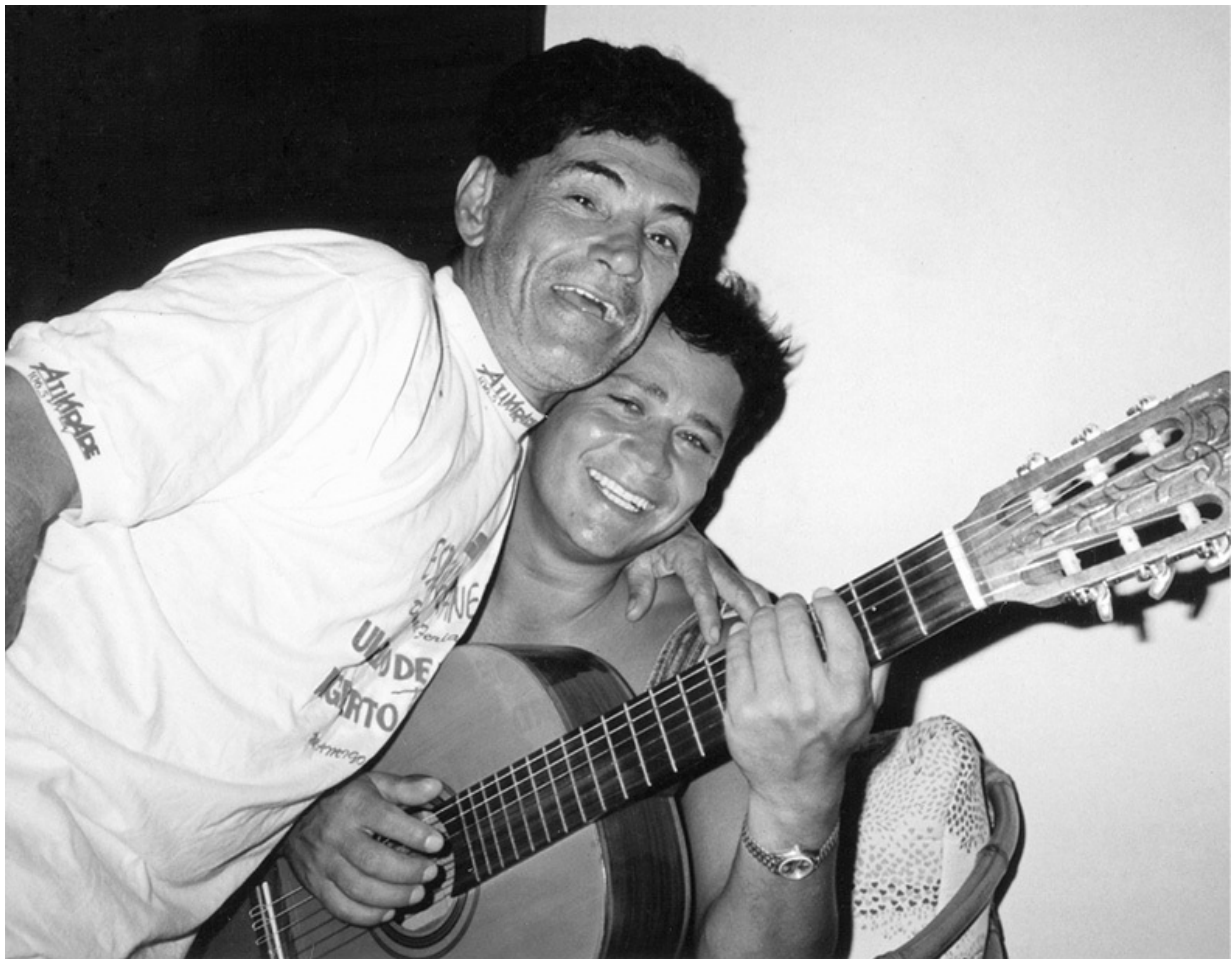
Nossa, caí duro com aquilo! Quando cheguei lá, só tava o Zazá. O Zezé era tão atração, mas tão atração, que ele tinha que ficar escondido. O acerto era ele aparecer, fazer um teatro e, depois, o show. Porque, naquela época, circo tinha que ter um teatrinho, senão o espetáculo não agradava. O dono do circo levou a gente ao camarim e apresentou pro Zazá: “Olha, é uma dupla que canta e que mora aqui de frente. Esse aqui até lavou o circo pra nós.” O Zazá achou legal e tal e falou que ia ter um festival numa TV em Goiânia. Ele me deu até o telefone direto do cara com quem eu tinha que falar. Ligamos e o sujeito disse: “As inscrições vão ser tal dia, podem vir.” E aí, fomos eu, Leandro e nosso tio Zé, com o violão nas costas. Aliás, se tem alguém que deu força nesse nosso começo foi o tio Zé, irmão de nossa mãe. Ele não largava nós pra nada, seguia com os dois sobrinhos pra todo canto! Era nossa sombra, nosso grande fã, quebrava todos os nossos galhos. Um grande sujeito!

Pois bem, aí nós fizemos a inscrição. Quem ganhasse o concurso gravaria um disco, um LP! Era festival com jurado, coisa muito séria. As eliminatórias eram no domingo, na parte da manhã. Quinta, sexta e sábado, a gente cantava na

noite. E quando acabava o baile, no domingo, já era quase sete da manhã. Nove horas, quando nós tinha que estar na TV para o festival, a voz tava sempre cansada. Apesar disso, até que nós fomos bem. As duplas mais fracas foram saindo, uma a uma, e a gente chegou nas cabeças. Quando vimos, estávamos entre os quatro finalistas. Mas, veja só, que situação! Na hora da onça beber água, acabou que escolhemos a música errada! Muito errada. Dos cinco jurados, três votaram contra nós! Mas, mesmo assim, a gente achou bom demais. Afinal, eram mais de 120 duplas sertanejas e a gente conseguiu chegar até a última peneira. Não é nada, não é nada, mas foi uma injeção de ânimo muito grande pra gente.



Leonardo e sua fiel escudeira Ede Cury.



Leonardo com o tio Zé.

E a vida é cheia de reviravoltas. Na sexta-feira antes da final, quando nós menos esperava, ligaram lá para casa dizendo que o integrante de uma das duplas finalistas do festival tinha adoecido e perguntaram se a gente não queria cantar. Ficamos pensando. Pra variar, a gente ia ter que cantar até as sete da manhã de domingo. Mais uma vez, eu ia ter que disputar a final sem voz. E eles ficavam insistindo: “Vem, vem!” O Leandro, sempre muito esperto, é que descobriu a solução. Ele disse: “Já sei, vamos escolher uma música bem fácil de cantar, bem popular, que não tem nem agudo e nem grave, você canta só no médio. Na hora do vamos ver, sua voz no médio vai estar boa.”

Não custava tentar. Quer dizer, era a única alternativa que nós tinha. Eu comecei a cantar uma música de Milionário e José Rico, “A caminho do além”. Ela era em Lá e eu pedi para o Leandro tocar em Sol, um tom abaixo.

*Sou um homem que não tem amigos
mesmo assim vivo alegre a cantar
a mulher que mais amei na vida
sem motivo abandonou meu lar...*

No meio do negócio, no palco, todo o medo e toda a raiva que eu tinha com as coisas ruins pelas quais a gente tinha passado viraram uma força, viraram uma voz que eu ainda não conhecia. Quando o auditório inteiro aplaudiu, eu tive a certeza de que a gente ia ganhar. E foi isso mesmo: cinco votos a zero, varremos a concorrência no festival. Ficamos festejando até o outro dia, lá em Goianápolis. Enfim, íamos ser que nem os nossos ídolos. Gravar um disco, tocar na rádio, cair na estrada. Íamos ser famosos. Íamos.

Ô, estrada da vida cheia de curvas! Porque pobre é igual lombriga: quando sai da bosta, ele morre. Alegria de pobre dura pouco, e a nossa, dois cantores pobrezinhos de marré de si, não durou nem uma semana. Foi justamente esse o tempo que demorou até chegar lá em casa uma carta dizendo que a gravadora que ia fazer o disco tinha falido, pouco antes de a gente poder entrar em estúdio. Aquilo foi um banho de água fria na gente. Não adiantou nada os amigos tentarem consolar, dizendo que o mundo era cheio de gravadoras. Aquele disco tinha sido conquistado no pulso, com muito esforço, não era pra

ele desaparecer assim, feito fumaça. Uma revolta surda me tomou todo, eu não me conformava. Por a gente ser muito simples e não querer briga com ninguém, a coisa acabou ficando por aquilo mesmo. Nós não tinha dinheiro nem pra comer, ia ter pra pagar um advogado e processar os caras? Tivemos que botar o rabinho entre as pernas.

A sorte é que o Leandro tinha a cabeça no lugar, muito mais do que eu. Era para eu ter feito uma besteira, sei lá. Mas ele veio de mansinho, para conversar e me convencer de que a gente tinha mesmo era que voltar pra estaca zero, pros botecos. E, quem sabe, dessa vez tentar a sorte em Goiânia, ir morar lá. Ele apontava para a plantação, para as ruazinhas vazias da cidade e dizia: “Olha onde a gente está... Não tem nada aqui, nada vai acontecer.” Naquela hora, tudo se misturava na minha cabeça. De um lado, o medo de dar um passo maior que as pernas, de ter que deixar o pai sozinho na roça, pelejando sozinho de sol a sol para sustentar a família. Do outro, a certeza de que nós dois tínhamos nascido para cantar, de que Deus ainda ia levar nós pro lugar que estava reservado. Foi a decisão mais difícil da minha vida até aqueles meus 20 anos de idade. Mas o Leandro me deu a segurança de que eu precisava para ir em frente. Goiânia que se cuidasse, a gente estava chegando!

rumo a Goiânia



MESMO COM TODA ESSA VONTADE DE VENCER E COM TODOS OS PLANOS QUE TRAÇAMOS, ainda tinha uma coisa muito importante, na qual nenhum de nós dois tinha parado para pensar seriamente: o nome da dupla. Luís e Emival, Emival e Luís, nada disso funcionava bem no mundo do sertanejo. E muito menos Mano e Maninho, o nome que a gente inventou para usar naquele festival da TV. O pessoal que entendia do riscado dizia que tinha que ser um nome sonoro. Quer dizer, um nome bom de se falar, que ficasse bonito na voz do locutor. Tipo Chitãozinho e Xororó. Era assim que se chamavam aqueles dois passarinhos, muito bons de canto. E era também o título de uma canção conhecida da música caipira. Caiu muito bem naqueles dois meninos do Paraná, o José e o Durval. Pode dizer, com toda a sinceridade: que dupla iria à frente na carreira com o nome de José e Durval? Eu vivia o tempo todo pensando nisso, em como a gente podia ser rebatizado e virar sertanejo de sucesso.

Nós mudamos para Goiânia com o tio Zé, e lá terminamos morando um ano inteiro num barracão nos fundos da casa da dona Teresinha e do seu Jorge. Para reforçar o sustento com a música, eu comecei a trabalhar na farmácia São Benedito. Meu trabalho era limpar a farmácia, mas teve uma vez que eu cheguei até a aplicar injeção numa velhinha, acredita? Certa vez, a dona da farmácia, dona Nazaré, me pediu: “Por favor, vai lá na casa dessa senhora, meu filho! Você mora perto e já está aprendendo a aplicar injeção, não custa nada...” Pois eu fui lá e a velhinha era só um caco em cima da cama, coitada! A moça que cuidava dela falou: “Aplica no lugar mais macio dela.” Ela era magrinha demais e eu não consegui deixar de pensar: “O único lugar macio é a chinela!” Bom, o que eu sei é que eu apliquei a injeção. Passou pouco tempo, ela morreu. Se foi por causa da minha aplicação? Vai saber...

O que eu gostava mesmo de fazer era ir lá para o fundo da farmácia para ficar dedilhando um violão e cantando. Quem sempre chegava para ouvir e conversar comigo era o motorista do seu Anselmo Pereira, o dono do estabelecimento. Um dia, ele não apareceu para trabalhar e eu fui assuntar com o povo. Alguém me disse, então: “O motorista não veio porque a irmã dele teve dois neném e não tinha ninguém pra cuidar.” No outro dia, eu cheguei na farmácia e o meu amigo tava lá de volta. Eu quis saber: “E os neném, como é que eles estão?” E ele: “Ah, o Leandro e Leonardo estão bem demais!” Eu

pensei: “Opa, Leandro e Leonardo... Nada mal, esse vai ser o nome da nossa dupla!”

Eu não me aguentava de ansiedade quando fui para casa naquela noite. O Leandro chegou e eu fui logo perguntando o que ele achava daqueles nomes. Ele ainda ficou meio ressabiado e fez um doce: “Mas é moderno, né, cara?” E eu: “É moderno, sim, mas é bonito, poxa!” Ele concordou e de cara disse que ia ficar com o nome de Leandro. Safado! Aí, fazer o quê, né? Só me restou ser o Leonardo. Confesso que eu fiquei assustado com aquilo durante um bom tempo. Vinha um, me chamava pelo nome, e eu perguntava: “Leonardo quem?” Hoje não estranho mais. Sou Leonardo, nasci Leonardo em 1981. Só um povo da minha cidade que ainda me chama de Emival. E aí, eu passo por aquele vexame de perguntar: “Emival quem?”

Leandro e Leonardo. Com esse nome, começamos a fazer shows em um dos lugares mais conceituados de Goiânia, o Canta Viola Chopp, um bar que nem existe mais. E não foi nada fácil convencer o dono a deixar a gente cantar lá. A gente insistiu, insistiu, até que ele deixou a gente mostrar uma música. Foi “Sessenta dias apaixonado”, do Chitãozinho e Xororó. E aí nós fizemos como sempre, interpretando com muita emoção, e ele teve que se dobrar.

No Canta Viola Chopp, cada um de nós chegava a ganhar uns quatro salários mínimos por mês. Tava bom demais! Eu ganhava meio salário na farmácia! A gente ralava toda noite, mas era uma beleza de trabalho, ficamos uns dois anos na casa. Nesse meio-tempo, a gente continuava ajudando seu Avelino na roça, fazendo shows em umas cidades próximas, sempre com o tio Zé do lado, auxiliando a gente, vigiando nosso descanso depois dos shows, quando a gente ficava esperando o primeiro ônibus passar para poder voltar para casa. Cada vez mais, a gente ia ficando conhecido e se sentia mais próximo de uma boa oportunidade. Aquele prometido disco tinha ficado entalado na garganta! Até que em 1984 apareceu nas nossas vidas, do nada, um tal de Ozar Mendonça. Um duro igual a gente, catando feijão na bosta, mas muito bom de conversa. Ele conhecia nós de ver cantar nas feiras e chegou dizendo assim: “Eu gravo vocês. E começo na segunda-feira. Tem repertório?”

Ficamos assim, claro, desconfiados. O Ozar parecia mais pobre do que nós! Mas embarcamos na história dele. Foram catorze horas de ônibus até São Paulo, lugar aonde nós nunca tínhamos ido na vida. A gente foi num daqueles cata-corno, aquele ônibus que para em tudo que é cidade pra catar gente. Depois de muito tempo viajando, nós enfim paramos no trevão para beber um leite com café, para renovar as forças, que não eram muitas. Quando o Leandro

foi pedir o pingado dele, o cara perguntou: “É duplo?” E ele, que ou estava cansado ou não ouviu direito mesmo, respondeu, animado: “É, sim, dupla, começando agora!” Eu quis dar uma risadinha dele, mas ele foi logo dando um cascudo em mim! E aí seguimos viagem. Chegamos cedinho na rodoviária de São Paulo e ficamos assustados com aquela multidão, gente que empurra daqui e dali. Nem tivemos tempo para pensar muito naquilo, porque o Ozar mandou a gente ir direto pro estúdio.

Entramos na gravação só com violão, sanfona, baixo e percussão. Era igual como faziam antigamente os discos de Milionário e José Rico e Tonico e Tinoco. Tocava duas vezes a música e aí já estava gravado. Em doze horas, o disco ficou pronto! Dali voltamos direto para a rodoviária e depois foram mais catorze horas pra voltar para Goiânia. Cheguei em casa morto, mas com a felicidade de quem tinha realizado o sonho de uma existência.

O LP se chamou *Hoje eu acordei chorando* e já começou a tocar ali pela cidade por causa dos amigos que a gente tinha. Um deles era o seu Ribamar, pai do Willian, que hoje é meu empresário. Ele tinha um boteco lá em frente de casa e sempre botava o disco para rodar. Todo o povo na vilinha chegava para ouvir. Mesmo assim, não aconteceu nada com o nosso trabalho, aquele em que a gente estava apostando todas as fichas. Ele não tocou na rádio e vendeu muito pouco, por mais que o tio Zé tivesse se esforçado em convencer o povo a comprar os LPs que ele carregava pra lá e pra cá nos nossos shows. O que ficou dessa experiência foi só a satisfação de ver as nossas caras feias na capa do disco. Porque, de resto, nós estávamos na mesma, começando do zero mais uma vez.



Leonardo e Willian Passarinho, muitos anos de estrada.



Leandro & Leonardo.



O irmão Alessandro, Leonardo, Carlos e Leandro.

Mas a gente não esmorecia. Semana após semana, lá estavam Leandro e Leonardo cantando os sucessos de Chitãozinho e Xororó, Milionário e José Rico, Trio Parada Dura... Passávamos o dia ensaiando para cantar à noite, e, por isso, sempre tínhamos músicas novas para atender aos pedidos do público. E um dos fãs mais animados que a gente tinha era um médico, o doutor Ildemar Figueiredo. Ele era um senhor muito educado, que gostava demais de nós e vivia pedindo música. Uma noite, depois do show, ele pediu para a gente dar uma passadinha na mesa dele. Mal a gente sentou, ele foi perguntando, na lata: “Vocês querem gravar um disco?” Bom, a gente sabia bem o que aquilo ia significar. Que ia custar dinheiro. E que, mais uma vez, podia não acontecer nada. Mas ele não pestanejou. Disse que dava o dinheiro para a gente gravar e que ia com a gente para São Paulo, na segunda-feira, para começar o trabalho. Olhei para o Leandro com aquela cara de “Será que a gente dá mais esse voto de confiança?” Mas o olhar dele era de certeza e por isso resolvi também aceitar.

E não é que o doutor Ildemar cumpriu a promessa? Ele apareceu domingo à tarde lá na porta de casa com um Monza novo, reluzente, uma coisa linda que só. A gente deu tchau para o povo de casa, embarcou e, na maior velocidade, foi só vencendo as estradas. Viajando com conforto, cantando pelo caminho, uma maravilha. Chegando lá em São Paulo, o doutor hospedou a gente no Hotel Saturno, ali do lado da Estação da Luz. Era uma barulheira só aquele lugar, moço, mas eu achava bom, porque nunca tinha entrado num hotel antes.

Aquela vez tinha tudo para ser diferente das outras. A gente estava mais escolado, sabia um pouco mais do mundo da música. Uns meses antes, num show em Barra do Garça, lá no Mato Grosso, a gente tinha conhecido o Romildo Pereira, que era uma espécie de caçador de talentos da música sertaneja. Ele adorou nós e ficou o tempo todo falando: “Vocês têm que ir para São Paulo, é lá que tudo acontece! Vão logo para São Paulo, seus trouxas!” E deixou um cartão com telefone, prometendo que ia ajudar no que pudesse quando a gente estivesse lá.

Pouco antes de viajar para gravar o disco, a gente ligou pro Romildo pedindo ajuda para achar um estúdio. E o Romildo arrumou logo o Gravodisc, que é um dos melhores estúdios para música sertaneja. Todo mundo que era sucesso gravava lá! Acertamos os horários e o doutor Ildemar, que logo depois teve que voltar para Goiânia, disse para a gente ir gravando e para não se preocupar

porque ele mandava todo o dinheiro de que a gente precisasse.

Olha, não poderia ter sido melhor a nossa decisão! Logo depois, o Romildo chegou dizendo que tinha um amigo dele que a gente precisava conhecer. Era o César Augusto, compositor do Gilliard, da Martinha. Ora, lógico que a gente ia encontrar ele, era só marcar! E aí chegou o César, todo cabeludo. Ele tinha um Corcel II GT, um carrão esportivo invocado, com cinco marchas, aquilo impressionou muito a gente. Conversa vai, conversa vem, eu perguntei: “Ô, César, você não tem uma música pra nós, não?” Ele disse que tinha um monte e mostrou uma chamada “Contradições”, dele e da Martinha. Pô, a Martinha era uma cantora famosa, da época da Jovem Guarda! Sucesso. Resolvemos gravar “Contradições”, ainda mais porque tinha uns versos bonitos.

*São contradições de um amor sem juízo
Eu nego e renego, mas sei que preciso
Contradições de um amor de verdade
que faz da mentira a sinceridade*

Aproveitando o encontro, eu perguntei ao César: “Você entende pra caramba de música, não quer ser o produtor do nosso disco?” Ele não só topou a parada como ainda chamou para trabalhar junto o maestro Otávio Basso, arranjador do Amado Batista. O César sabia muito bem o que estava fazendo. Bastou eu mostrar para o maestro as músicas, só no violão, ele botou tudo na pauta e no dia seguinte chegou com os arranjos para a gente gravar. Umas coisas lindas de morrer, com o tratamento de luxo que a gente nunca teve! Foi impossível não ficar emocionado. É, daquela vez tinha que acontecer, estava tudo a favor da gente!

Felizes da vida, eu e Leandro voltamos para Goiânia com a fitinha do nosso disco e fomos logo mostrar para o nosso povo. Mas ainda faltava o principal: uma gravadora que lançasse o disco. Não haveria dinheiro que chegasse para bancarmos sozinhos a prensagem de mais um LP. Por melhor que fosse o trabalho da gente. Deixamos a fita em São Paulo com o Romildo e ficamos esperando alguma resposta, algum telefonema, telegrama que fosse.

Naquela ansiedade total, nós não paramos de cantar nos botecos de Goiânia. Numa dessas, nós conhecemos o Vinicius, que viria a se tornar o Bruno, da dupla Bruno e Marrone. Ele era fã de Leandro e Leonardo e ia com as irmãs

ver a gente cantar. No fim da noite, ele aproveitava e dava umas caronas para a gente. Eu sabia que ele gostava de música, só não sabia que ele também cantava. Quem diria! E, nesse meio-tempo, eu já era amigo do Marrone, que ainda se chamava Roberto, e que ia lá em casa jogar cacheta com o Leandro. Eles apostavam cigarro, cerveja, tudo que você puder pensar. Um dia, do nada, o Leandro comentou com ele: “Você já viu o Vinicius cantar? Ele canta pra cacete!” E eu, do meu lado, perguntei ao Vinicius: “Você quer formar uma dupla sertaneja?” E chamei o Roberto. Eles começaram a cantar num bar, o Dom Ricardo Chopp. Bruno e Marrone, veja só!

O Marrone, que tinha uma moto, ia sempre lá em casa pegar o Carlão, nosso irmão, que tocava baixo com eles. Um dia, o Silvio, o cara que arrumava uns shows pra gente, estava lá, sem dinheiro pro ônibus, mas doido pra ir ao show do Bruno e Marrone. O Carlão já ia montar na garupa da moto, quando voltou para pegar alguma coisa que tinha esquecido. O Silvio, fumando seu cigarrinho, sugeriu: “Ô, Marrone, você podia me levar lá, depois você voltava pra pegar o Carlão...” Pra quê! Ele foi logo respondendo, irritado: “Larga de ser folgado, rapaz! Eu preciso trabalhar!” Mas como o Carlão tava demorando, o Silvio entrou em casa, deu uma disfarçada, voltou e montou na garupa, como se fosse o meu irmão.

E lá foram aqueles dois. Na estrada, o Marrone só virava o pescoço um pouco para trás e falava: “Aquele Silvio, ô homem que não vale nada! Cê acredita, Carlão, que ele ficou achando que eu tinha que trazer ele antes de levar você? Ele não se enxerga!” Quando ele encostou a moto no Dom Ricardo, o Silvio pulou logo da garupa e ficou no portão, fumando, como de costume. O Marrone foi estacionar, naquela lentidão dele, viu ele ali e perguntou: “Ué, Silvio, cê veio com quem? Cadê o Carlão? Será que ele caiu na estrada?” A gente, quando soube dessa história, riu até passar mal. Bons tempos aqueles, eu me divertia muito com aquela rapaziada, que vivia na dureza mas não perdia uma tiração de sarro! Tudo moleque...

Mas o tempo passava e eu comecei a ficar angustiado. Eu morava em Goiânia, sem força nenhuma, e era difícil de falar com os diretores de gravadoras de São Paulo. Um mês, dois meses e nada de aparecer um contrato. O doutor Ildemar ligava, perguntava como estava indo a coisa, e a gente sem resposta para dar. No fim das contas, ele resolveu virar nosso sócio. Quando o disco fosse lançado, ele receberia uma porcentagem. Paciência, era o que dava para fazer. Passaram-se uns quatro meses e nada ainda. Meu pai tinha plantado uma roça de arroz e eu estava ajudando ele a carregar os sacos com a colheita

num Fusca velho que eu tinha comprado trabalhando na noite. Eu tirava os bancos, botava seis sacos de sessenta quilos cada um e levava pro outro lado do rio. Trabalho estafante, eu não aguentava mais.



O primeiro de muitos encontros com a dupla Chitãozinho & Xororó.

Num dia desses, com o corpo moído de tanto carregar saco de arroz, eu cheguei em casa e, mal desabei na cama, veio a minha irmã, Mariana, dizendo que tinha um telefonema de São Paulo, de uma gravadora chamada 3M. A gente achou aquilo esquisito, porque tinha oferecido a fita do disco para todas as gravadoras em São Paulo, e todas elas, uma por uma, disseram que gostavam muito do nosso disco, mas que estavam com o elenco completo e que não podiam contratar mais ninguém, infelizmente. A gente ficou de saco cheio daquela história pra boi dormir. Mesmo assim, eu liguei de volta e falei com o tal do Milton José, que me disse: “Essa é uma gravadora nova, criada pelo pessoal que fabrica fita isolante. Eles têm muito dinheiro. Venham amanhã para conversar, já emitimos um PTA com as passagens.”

Eu nunca tinha andado de avião, não sabia o que era PTA, mas descobri que era o vale para pegar o bilhete aéreo e fomos lá. Cagando nas calças só de

pensar que, se aquele avião caísse, morria todo mundo. Desembarcamos em Guarulhos e não sabíamos o que fazer ou para onde ir. Mas aí apareceu alguém da 3M que levou nós pro escritório da gravadora, uma sala no sexto andar de um prediozinho no Centro. E qual não foi a surpresa da gente de entrar e ver que não tinha nada lá, só um aparelho de som 3 em 1 em cima de uma mesa. Muito estranho, muito estranho.

Foi aí que apareceu o Moacir Machado, um cara grandão, que era o diretor da gravadora. Ele se apresentou, cheio de mesuras, e pediu para a gente se sentar e mostrar a fita do disco. Foi só começar a ouvir “Contradições”, com aquelas cordas suaves, a voz entrando macia, que ele fez uma cara engraçada e perguntou: “De quem é essa música?” “Da Martinha”, falei. E ele arrematou, sem nem deixar tempo para a gente respirar: “Adoro a Martinha, ela é uma das grandes compositoras da música brasileira. Parabéns, vocês estão contratados.” Assim mesmo, na seca, de uma tacada só. Fiquei bobo, rapaz! No dia seguinte, nós voltamos ao escritório para assinar o contrato. A diversão do Leandro foi mexer comigo só porque eu não sabia o que era uma rubrica! E assim foi. Nosso LP virou o número 001 da 3M.

Artistas contratados, faltava a gente se acostumar com aquele mundo novo. Imagina, depois de assinar a papelada, a gente ficou ainda mais um tempo em São Paulo, esperando que a gravadora desse a passagem de volta! Precisou que o Romildo chegasse e dissesse pra gente que ela estava incluída naquele PTA da vinda. Ou seja... justamente naquele papel que eu tinha jogado fora logo depois de chegar! Mais uma vez, o povo ficou me sacaneando. Eu, que não sabia que era só pedir para emitir outra via, fiquei apavorado com a possibilidade de não poder voltar para casa. Rapaz, mas depois disso eu tive a minha vingança. A gente voltou para casa morrendo de fome e sem um tostão no bolso. Leandro ficou com medo de comer a comida do serviço de bordo e de passar pelo vexame de não conseguir pagar por ela. Já eu, não quis nem saber e me fartei. O Milton José tinha me avisado que era tudo incluído no preço da passagem, só que eu não contei isso para o Leandro. Morri de rir quando aquele caipira metido a engraçado desembarcou em Goiânia roendo pé de cadeira.

Nosso disco saiu bonito e começou a tocar bem nas rádios. A gravadora tinha dinheiro e contava com uma equipe grande de divulgadores. Além de “Contradições”, ele também foi sucesso com as músicas “Explosão de desejos”, “Sublime renúncia” e “Muros coloridos”. Nessa época, também começamos a aparecer muito na televisão. A gente era bonitinho, as meninas

estavam sempre em cima de nós, era aquela marcação cerrada... que a gente tratava de aproveitar bem! A primeira matéria que saiu com nós dois, numa dessas revistas de fofocas de artistas, chamava a gente de “os novos gatos do sertão”. Vê se pode essa! A gente adorava aquilo. Mas o melhor de tudo é que a agenda de shows ficou cheia e começou a pintar um dinheirinho bom para mandar para casa. O pai, a mãe e os irmãos sentiam falta de nós, mas eles sabiam que a gente estava trabalhando duro para não deixar o sucesso escapar.

Aí chegou a hora de gravar o segundo LP. O Zezé Di Camargo chegou um dia lá em casa com uma música que ele tinha feito para o Amado Batista. Era um troço danado de bonito, chamado “Solidão”.

Solidão

quando uma luz se apaga

eu de novo em casa

morrendo de amor por ela



Registros da carreira da dupla.



Registros da carreira da dupla.

Fiquei apaixonado. Ele cantou a música umas três vezes e eu fui anotando a letra. Quando fui para o estúdio com o Leandro, falei que a gente tinha que gravar aquela. Depois que soube disso, o Zezé ficou preocupado: “Eu fiz a música para a voz do Amado, não sei se vai dar certo com a sua...” Como é que não podia dar certo com as nossas vozes, ora? Essa acabou sendo a música que puxou o nosso disco, sucesso total. Depois dela, passamos a fazer mais de 120 shows por ano. Leandro e Leonardo, as novas estrelas da música sertaneja.

A gente tinha chegado aonde queria, mas a incerteza sempre rondava. Tinha uns boatos de que a situação na gravadora não andava boa, mas nós não éramos de dar muito ouvido a fofoca, sabe? A gente gravou com eles o terceiro LP, de 1987, e saiu correndo para divulgar as músicas, como era de costume. Só depois é que fomos reparar na capa, que era uma coisa muito feia. A nossa foto parecia que tinha sido feita para uma lápide! Parecia uma coisa de mau agouro, entende? Pra piorar, quando chegamos para fazer o programa do Bolinha, teve um compositor amigo nosso que até brincou: “Essa dupla aqui tá morta, já tem até foto.” Rimos meio amarelo porque, por mais que fosse uma brincadeira, ele tinha toda a razão. Doía ter investido tanto trabalho num disco com um cartão de visitas tão malfeito.

A música de trabalho do disco era “Quem será essa mulher?”. Fomos para o interior paulista dispostos a divulgá-la nas rádios. Tempos bons aqueles, em que você pegava um carro aqui em São Paulo e ia até Brasília, só visitando as emissoras, levando prosa no microfone e esperando até elas tocarem as nossas músicas. Eram uns quarenta dias que a gente passava só na estrada, batendo na porta de todas as rádios desde as quatro da manhã.

Numa dessas, em São José do Rio Preto, nós ficamos na rádio a noite inteirinha. Eles anunciavam que a gente estava lá, mas tocar música nossa que era bom, nada. No dia seguinte, ainda tinha um programa de TV para fazer. Chegamos lá, com a cara amassada de sono, como era de se imaginar, e tinha umas quinze duplas sertanejas pra se apresentar só com violão, ensaiando e esperando a vez debaixo das árvores. Quando esse povo viu a gente ali, moço, eles veio tudo pra cima de nós. Eu me perguntava: “Que diabo é isso que tá acontecendo, será que eles querem bater em nós?” E um daqueles cantores chegou querendo saber: “Vocês vão cantar ‘Entre tapas e beijos’?” “Não, a gente veio cantar ‘Quem será essa mulher?’”, eu respondi. E o cara: “Não, pelo amor de Deus, canta ‘Entre tapas e beijos’! Essa música tá estourada, tá

explodida aqui na região! Tanto é que, das quinze duplas, têm cinco aqui que quer cantar ela, foi o ôme que não deixou, porque cês vinha cantar aqui.”





A dupla no programa do Bolinha, recebendo os discos de ouro.

Moço do Céu! Quando a gente cantou “Entre tapas e beijos”, que era uma música do disco que a gente nem pensava em trabalhar, o auditório foi ao delírio.

*Entre tapas e beijos
é ódio, é desejo
é sonho, é ternura
Um casal que se ama
até mesmo na cama
provoca loucuras*

Começou a chegar gente de fora pra ver quem a gente era. É, porque a música tava estourada, mas a imagem, não. Ninguém sabia ainda como a gente era. E aí, eles viram aqueles dois meninos. Eu com 23 anos, o Leandro com 25. “Ah, a dupla do tapas e beijos é essa? Nossa senhora!”, o povo dizia. Dali, nós descemos pra Uberlândia. A nossa caminhonete, que era velha, movida a diesel, arrebentou a mangueira do hidráulico. Levei pra uma oficina e o Leandro mandou: “Fica lá, vigiando.” Enquanto o mecânico arrumava a caminhonete, “Entre tapas e beijos” tocou dezessete vezes no rádio! Eu ia mudando de estação e só dava ela! Flagrei até o mecânico cantando um pedaço da música. Naquela hora, fiquei todo orgulhoso e pensei: “Rapaz, eu tô bem no pedaço!”

Mas calma aí que o rolo ainda não acabou. No outro dia, quando a gente ia tomar café da manhã para depois ir a uma rádio, entregaram para a gente um fax que dizia mais ou menos assim: *Prezados amigos Leandro e Leonardo, viemos através dessa comunicar que a gravadora 3M veio a fechar as portas.* O que, resumindo, queria dizer o seguinte: estávamos desempregados de novo. E eles não tinham nem ideia do estouro de “Entre tapas e beijos”!

Assim, lá fomos nós de volta para Goiânia. De ônibus. Uma semana depois, ficamos sabendo que a gravadora Chantecler/Continental estava contratando uns dez nomes do elenco da 3M. E que a gente estava entre esses dez! Não resisti a soltar um grito. Ai, meu Deus, aí vem Jesus de novo, a luz abençoando nós! E lá fomos nós de novo pra São Paulo. Só que de vez.

SUBLIME RENÚNCIA

*Hoje meus dias são de
tristeza e solidão
Trago em minh'alma uma
profunda conformação
Renunciei meu grande
amor um dia
Nos braços dela que tão
triste eu vivia*

*Beijando os lábios do meu amor com
frenesi
Não chores por favor porque preciso
partir*

Esse foi o meu último beijo

*Satisfiz o meu desejo
O pior foi te perder
Resignemos, Oh! Querida
Não lamentemos a vida
Nosso destino é sofrer*

Composição Pery/ Prado Júnior

Disco Explosão de desejos

Gravação 3M (1986)

SOLIDÃO

*Quando uma luz se apaga
Eu de novo em casa
Morrendo de amor por ela*

*Solidão...
Que minha alma extravasa
Não suporto a vontade
De fazer amor com ela*

Composição Zezé Di Camargo
Disco Leandro & Leonardo
Gravação 3M (1987)

ENTRE TAPAS E BEIJOS

*Entre tapas e beijos
É ódio, é desejo
É sonho, é ternura*

*O casal que se ama
Até mesmo na cama
Provoca loucuras*

Composição Nilton Lamas/ Antônio Bueno

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Continental (1989)

maravilhas do mundo



TUDO FOI MUITO RÁPIDO, MOÇO. Lembrando hoje, nem dá pra acreditar direito. Iam dizer que era invenção da cabeça da gente. Mas foi assim que aconteceu. Nós chegamos em São Paulo e já ficamos hospedados no Jandaia, um hotel no Centro, de um nível mais alto do que aquelas ratoeiras onde a gente estava acostumado a se esconder. Além do mais, era lá onde ficavam todos os artistas da música de passagem pela cidade. Todo aquele povo que a gente conhecia das capas dos discos, da TV, e que, depois do estouro do “Entre tapas e beijos”, chamava a gente pelo nome e tudo. “Ô, Leandro e Leonardo! Quem é um, quem é outro?”, eles brincavam, esses fio dumas égua. Demorou nada, todo mundo virou amigo.

Eita povo que gostava de uma farra e de uma cachaça! Eu e o Leandro só não ia mais junto com eles porque tava trabalhando sem parar. A gravadora Continental tinha uma grande estrutura pro sertanejo – eles levaram uma boa parte dos artistas da 3M. Na verdade, era a Continental que controlava esse mercado. Os caras mandavam os nossos discos pra onde a 3M não tinha mandado e os divulgadores ficavam cobrando execução nas rádios. E, com isso, a gente não parava de fazer show. Uma coisa se somou à outra e, quando a gente foi ver, “Entre tapas e beijos” estava em primeiro lugar no Brasil inteiro. Sabe lá o que é isso? Eu não tinha mais cabeça. De uma hora para a outra, eu e o Leandro não podíamos ir a lugar nenhum, que vinha aquela maçaroca de gente querendo autógrafo, querendo pegar na gente. Eita nós!

Nessa época em que “Entre tapas e beijos” estava estourando, nós fomos fazer uma turnê pelo Pará. Nós viajavamos em dois Opalas. Eu tinha um prata quatro portas e o Leandro, um verde, a gás, e compramos o botijão no boteco do pai do Willian. Era assim: não tinha grana pra pôr gasolina, botava gás. Éramos oito pessoas viajando: nós e a banda, com teclado, guitarra, bateria, tudo junto. Passamos por Conceição do Araguaia, Redenção e, enfim, chegamos a Curionópolis, uma cidade que foi montada pra servir ao garimpo de Serra Pelada. Era uma hora da tarde e eu estava com muita fome. Fui no restaurante e perguntei: “A que horas que esse almoço fica pronto?” Nisso, entrou um cigano. Ele parou com um Opala na porta do hotel, desceu com o filho e falou: “Leandro e Leonardo, pelo amor de Deus, que vontade de conhecer vocês! Essa música, ‘Entre tapas e beijos’ é bonita demais!”

Eu, sempre muito safo, pra não dizer sem vergonha, falei: “Prazer, prazer...”

E o cigano: “Meu sonho é que vocês fossem almoçar lá em casa.” Ficamos de ir no dia seguinte, pouco antes de ir embora. Fizemos o show, dormimos e, no outro dia, eu falei com o Leandro: “A gente almoça meio-dia aqui no hotel e pega o avião em Marabá.” Estávamos sentados à mesa e eu já ia meter a colher na travessa de arroz, quando o cigano chegou: “Opa! Cês falou que ia almoçar lá em casa! Cês é homem ou é um saco de batata?”, ele esbravejou. Naquele momento, pra ser bem sincero, eu era um saco de batata. O cigano era um cara grandão e tratou de avisar: “Eles vão comer é uma leitoa que eu tô assando lá em casa!”

E lá vai nós pra casa dele, no carro dele. Quando sentei no banco, eu espetei a bunda num negócio e, quando vi, era o cano de uma escopeta. Ainda bem que eu fui! A casa era uma barraca de cigano e estava tocando “Entre tapas e beijos” muito alto. Acabava a música e ele repetia. E repetia... E aí veio aquela leitoa gorda. Ainda bem que naquela época eu podia comer aquilo, eu era magrinho, passando fome... Eu e Leandro comemos aquela leitoa toda e ele não deixava a gente ir embora! O resumo da história com o cigano é que nós ficamos entuchados de leitoa e acabamos perdendo o voo em Marabá. Coisas da fama, moço...

E dava pra imaginar aqueles dois capiaus virando estrelas de televisão? Pois é, aconteceu. Com todo aquele sucesso da música, as coisas tinham mudado bastante para nós. Numa dessas, fomos convidados para cantar “Entre tapas e beijos” no Globo de Ouro, aquele programa da TV Globo em que se apresentavam os artistas que estavam nos primeiros lugares das paradas. O negócio começou meio embaçado. Os caras da técnica pediram a fita original da gravação da música porque acharam o som do disco ruim demais da conta para tocar na televisão. Sabe o que a Continental falou? “Nem pensar em tirar essa fita aqui da fábrica! Porque o disco está vendendo 20 mil cópias por dia e a produção não pode parar de jeito nenhum!” Acabamos vendendo 1 milhão de discos com aquela música em que a outra gravadora não acreditava. Explodimos. A rádio FM começou a tocar a gente o dia inteiro!

Bom, e como era nossa primeira vez na TV Globo, nós não podia fazer feio. Então, antes de ir gravar o Globo de Ouro, fomos a um shopping center desses, bem da moda, na zona sul do Rio de Janeiro. Chegamos lá na loja, umas moças bonitas vieram pra perguntar o que nós queria. Eu não sabia nem pra onde olhar, de tão bobão que estava... Acabamos escolhendo umas roupas bem caras. E, olha, hoje você não ia acreditar que um dia a gente vestiu aquilo! Sei, naquela época todo mundo achava aquelas roupas bonitas, transadas... Foi o

Leandro, que entendia mais de moda, quem deu força. Eu mesmo vesti porque tinha que vestir. Meu negócio sempre foi ser mais despojado.

Mas por que eu lembrei disso? Ah, porque o shopping ficava do lado do Canecão, que era a casa de shows mais famosa da cidade. Eu passei pela porta, só de curiosidade, e vi lá escrito, perto do letreiro: *Nessa casa se escreve a história da música popular brasileira*. Aquilo me deu até um arrepio. O Rio de Janeiro era uma praça muito importante para os sertanejos. Era difícil entrar ali, mas se você entrasse, não saía mais. E aquele era o lugar mais importante da música do Rio. Era onde o Roberto Carlos, onde todo mundo que era astro de verdade, se apresentava. Naquela hora, eu olhei pro Leandro, ele olhou pra mim e a gente teve a mesma ideia: um dia, a gente ainda ia cantar no Canecão! Tomamos aquilo como um objetivo, uma missão. Já ficamos imaginando o logotipo de Leandro & Leonardo no cartaz principal, do horário nobre da casa.

O que faltava para chegar lá era ter mais umas músicas de sucesso. Ah, moço, e a gente cuidou disso! Logo depois, gravamos o nosso quarto disco, quer dizer, o quarto disco chamado *Leandro & Leonardo*, porque, sabe como é, em time e em título de disco que está dando certo não se mexe. E nele tinha duas pedradas das boas. Uma era o “Pense em mim”, que a gente fez bonito, com saxofone, cordas, teclado eletrônico e tudo que tinha direito. Eu caprichei na interpretação quando cantei aqueles versos:

*Em vez de você ficar pensando nele
em vez de você ficar chorando por ele
pense em mim, chore por mim
liga pra mim, não, não liga pra ele*

Que dor de corno porreta a dessa letra! Aquilo, meu chapa, era música pra ganhar o interior, as cidades pequenas e médias, capitais, o estrangeiro, até os outros planetas.

A outra pedrada era o “Desculpe, mas eu vou chorar”, baladona das boas, com uma abertura bonita, que o maestro fez com um pianão, guitarra de música country e um corinho da mulherada. E o refrão era daqueles de matar o sujeito:

Vou chorar

*desculpe, mas eu vou chorar
não ligue se eu não te ligar
faz parte dessa solidão*

Não tinha como errar, esse negócio de solidão pega qualquer um, rico ou pobre, homem ou mulher. Pra deixar tudo ainda melhor, a gente regravou um sucesso de rádio, o “Talismã”, e mandou o disco para as lojas. E aquilo foi mais longe até do que a gente esperava: 2,8 milhões de cópias!

Era só deixar a gente chegar perto, que aí não ia ter para ninguém! Àquela altura, arrumamos um empresário que marcou para a gente uma noite no Palace, uma daquelas casas de bacana, em São Paulo, onde só entrava com roupa boa e muita grana no bolso. É, era nós lá! Igual àqueles cantores famosos da MPB, igual aos cantores internacionais do rádio. E como era o Palace, o nosso empresário teve a ideia de convencer a TV Globo a aproveitar aquela oportunidade de gala e gravar um videoclipe de “Talismã” para passar domingo no *Fantástico*. Estava me preparando pra ficar mais bonito que o Paulo Ricardo do RPM!

O problema, moço, foi o seguinte: quando chegou no dia, não tinha vendido nada de nada de ingresso para o nosso show. Sei lá, acho que o povo rico até conhecia nós, mas ainda tinha vergonha de chacoalhar as joias pra aqueles dois caipiras sem eira nem beira, do interior de Goiás. Mas nosso empresário foi lá e deu o jeito dele. Encheu o lugar com aquelas caravanas que eles chamavam para os programas de TV, sabe? E quando nós subiu no palco, foi o maior alívio. Tava lá aquele monte de gente bonita, de banho tomado, gritando pela gente. Como é mesmo que eles dizem no cinema? Isso! Foi um efeito especial daqueles. Um efeito especial que salvou nossa pátria naquela noite.

Dali para a frente, a nossa fama virou coisa do nível de Roberto Carlos, de Xuxa. Durante um tempão só se falou de Leandro e Leonardo nos quatro cantos desse país. Entrevistas, capas de revista, propagandas na televisão... Tava todo mundo querendo conhecer a nossa história, querendo saber de onde a gente tinha vindo, para onde a gente estava indo... Fomos até convidados para ir na casa do presidente Collor para fazer um show privê, acredita? Cantamos também no Palácio do Planalto e em todos os lugares que você possa imaginar. Multidões, multidões... E o dinheiro veio, que a gente usou para dar à família uma situação melhor.



E aí chegou a hora de realizar um sonho: participar do especial do Roberto Carlos. Antes da gravação, que seria na cobertura de um prédio em São Paulo, eu fui almoçar com o Leandro e o nosso empresário. E eu só comendo uns camarões grandes... Bom, lá no restaurante mesmo, eu comecei a ter uns calafrios. “Ai, meu Deus, logo hoje que eu vou gravar o especial do Roberto!”, pensei. Mas não contei pra ninguém. Fui no banheiro uma, duas, três vezes enquanto eles estavam conversando. E quando eles falaram que era hora, eu estava com uma diarreia mortal. Começou a dar febre, mas eu mentalizava: “Nem que eu morra eu tenho que gravar esse especial! Nem que eu morra eu tenho que gravar esse especial!” O diretor, que era o Augusto César Vannucci, viu que eu não estava bem e passou para o Leandro os textos que a gente tinha que falar. E disse para mim: “Você passa a música uma vez só e está bom.” Quando acabou, eu já fiquei internado lá no prédio mesmo, tomando soro, enquanto o Leandro gravava o resto. Depois, o Vannucci fez a junção da minha imagem com a dele. No especial, Roberto chamou esse clipe de “Talismã” e foi uma explosão total.

Nessa mesma época, ali pelo começo dos anos 1990, a gente foi fazer uma turnê pelo Nordeste. Tinha um Opala para nós e uma Kombi para o pessoal da banda. Mas o Leandro, muito velhaco, saiu na frente e me deixou na Kombi. Como eu não ligo pra essas coisas, eu disse: “Vambora com a molecada, fazendo bagunça.” Foi quando o cara da Kombi ligou o rádio e estava tocando “Entre tapas e beijos”, “Pense em mim”, “Desculpe, mas eu vou chorar”, “Talismã”... Era um pipoco atrás do outro! Só que, por incrível que pareça, ninguém por lá conhecia nossa imagem. Tanto que nós paramos numa cidadezinha para comer, num restaurante bem simples, e aí veio uma senhora, emburrada. Ela deve ter pensado: “Esses malditos, nessa Kombi velha, vão comer e não vão pagar!” Eu, muito moleque, perguntei se ela não tinha um tomatinho pra gente beliscar, para enganar a fome. Ela trouxe umas cinco rodilhas de tomate só, e uns tomates amarelos, feios. Eu peguei o sal, soquei os cinco pedaços no garfo, comi tudo e perguntei: “A senhora não tem mais, não?” E ela: “Tem não, só tinha esses.” Ficou endiabrada com a gente!

Era muito engraçado. A senhora trazia arroz e quem conseguia botar no prato comia rapidinho. Ela trazia uns bifês tão finos que você conseguia ver a pessoa que tava do outro lado através deles. E, isso tudo, com a cara mais feia do mundo pra nós! Alguém pedia guaraná, ela voltava com um só e quente. Pedia

outro e ela reclamava: “Por que não pediram dois logo de uma vez?” Menino, e quando eu perguntei se ela aceitava cheque? “Nem do meu pai!” Nós ficava só pondo pilha nela! Mas passou um pouquinho, chegou um menino que ficou investigando e depois foi lá na cozinha e contou pra todo mundo quem nós era. Aí já veio a mulher, mais mansa. Olhou, olhou e falou: “Por acaso você é que canta ‘Entre tapas e beijos’? Nossa, você me desculpe a falta de educação!” E eu: “A senhora é que desculpe a molecagem...” No fim, abracei ela e tiramos foto juntos. Mas, olha, vou te contar! Se não fosse por aquele menino, a gente tinha passado batido e ainda levava mais bronca!

A vida ia assim, entre muito trabalho e risos. Um dia, no meio daquela correria de show pra lá e pra cá, aeroporto, avião e hotel, o empresário chegou e avisou: nós ia enfim cantar no Canecão! Aquilo me deixou desestruturado, eu não consegui parar de chorar quando soube. Porque vender disco, tocar no rádio, era uma coisa. Ser reconhecido, recebido pela porta da frente, era outra, muito diferente. Naquele momento, eu lembrei de tudo pelo qual a gente tinha passado. De toda a dificuldade que a gente enfrentou para receber um cachê num fim de noite, depois de ter cantado mais de três horas, morrendo de fome e de cansaço.

O Brasil, aquele Brasil que anda de ônibus lotado, que come feijão com arroz, que não tem vergonha de sofrer por amor e que conta os trocados para ir a um show de Leandro e Leonardo, esse sempre esteve do nosso lado. Mas faltava o diabo do reconhecimento e isso a gente teve lá no Canecão. Não dá para esquecer de nada, de nenhum detalhe daquilo tudo que aconteceu. Era um sonho. A gente ia cantar na sexta, no sábado e no domingo. A bilheteria abriu na terça e quando era na quarta os ingressos pra todos os dias já estavam esgotados. No dia do primeiro show, os fãs começaram a chegar cedo, a fila dava voltas e ia até o shopping que fica no fim do quarteirão, era uma coisa muito louca. Na plateia, tinha umas 2 mil pessoas, mais ou menos. E, no meio desse povo todo, lá de cima eu conseguia enxergar um monte de artistas da Globo, um pessoal que eu nunca sonhei ver de perto e que depois foi todo ao camarim para cumprimentar nós. Tony Ramos, Chico Anysio... fiquei doido com aquele povo!

Foi um showzaço naquela noite, moço! O pessoal subiu nas mesas, tudo gritando pela gente. E na hora do “Pense em mim” foram não sei quantos desmaios. Loucura, sô! Nossa família toda tava lá, era um orgulho muito grande para eu e Leandro. Seu Avelino era o mais feliz de todos, vendo nós, os meninos dele, vencendo na cidade grande, na cidade mais difícil de se vencer!

A mãe chorava, tio Zé chorava. Era muita emoção e a gente teve que pedir desculpa mesmo, porque cada um de nós derramou uma cachoeira de lágrimas com aquilo. No outro dia, eu lembro que tinha uns três, quatro jornais do Rio de Janeiro que botaram eu e Leandro na capa. O título de um deles era “O mar virou sertão”. Bicho, foi muito bom aquilo! Tenho tudo gravado lá em casa e ainda mostro para quem quiser ver. Foi tudo verdade!

E vocês não sabem o que foi o camarim do show naquela noite! Champanhe pra todo lado, um monte de gente que a gente conhecia, que não conhecia, dizendo que nossas músicas eram bonitas e tal... Todo mundo lá pra tirar foto, dar um alô... Depois de atender ao povo, pra lá de cansados, nós fomos para o hotel. De limusine, é claro! Era um hotelzão cinco estrelas, na beira da praia, nós ainda ficava bestão com aquilo. Nós chegamos, abrimos mais um champanhe, e o nosso empresário ainda ficou cercado a gente, queria falar sobre carreira internacional, disco em espanhol, turnê pela América Latina... Sai fora, eu não quis nem saber! Aquela era uma noite para comemorar, não para planejar.

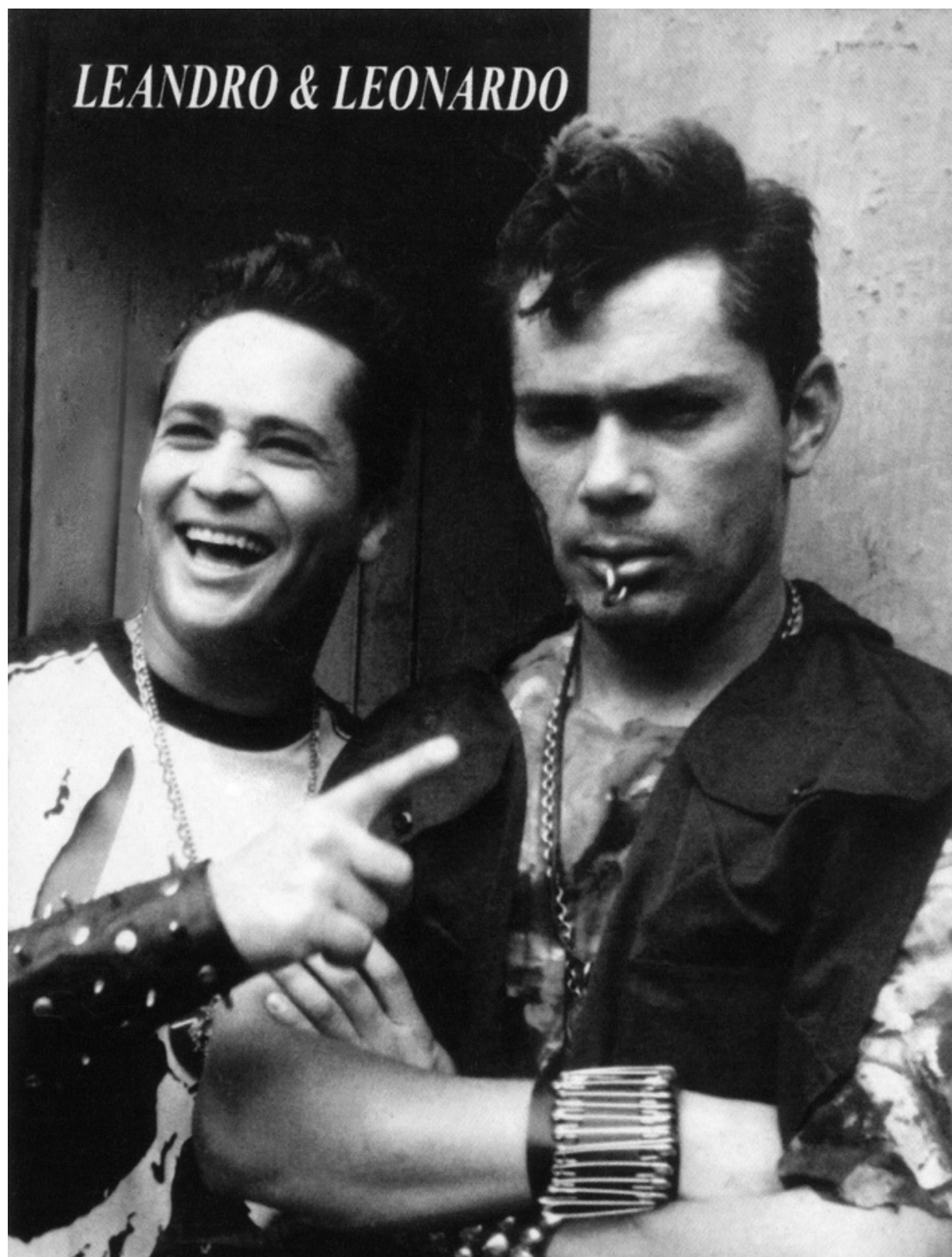
Por mim, a gente acabava aquela temporada no Canecão e ia pra casa, aproveitar tudo o que tinha conquistado. Comigo, sempre foi assim: uma coisa de casa vez, nunca dar um passo maior do que a perna. Eu ainda falei para o Leandro: “De que adianta a gente ficar trabalhando o tempo todo se depois a gente não consegue curtir a vida?” Mas ele estava hipnotizado pelos seus planos, pela possibilidade do sucesso internacional. Aquela noite era especial, ele estava muito feliz. Leandro e Leonardo tinham chegado ao topo.

Me despedi do povo e fui para o meu quarto, deixando o Leandro e o nosso empresário lá, nas nuvens em que eles estavam. Logo que passei pela frente do elevador, a porta se abriu e dali saiu um garçom, com uma bandeja cheia da comida mais cheirosa que você possa imaginar. Ele olhou para mim e perguntou: “Senhor Leandro?” E eu, sem perder a pose: “Perfeitamente, pode me seguir. Não, não estou mais nesse quarto aí. É esse outro aqui, pode vir.” Rapaz, eu tava com uma fome! Comi aquilo tudo sem nem respirar. E aí capotei na cama, para dormir o sono dos justos. Eu já estava até sonhando quando bateram na porta. Acredita que era o Leandro, querendo tirar satisfação comigo? Eu abri a porta, deixei ele me xingar um pouquinho e depois fechei. Boa noite, irmão! E caí na gargalhada. Nem depois daquele show ele relaxava!

Naquela época muita coisa ainda ia acontecer para nós. Lançamos mais um disco. Era mais um *Leandro & Leonardo*, o quinto, de 1991. E esse veio com mais um monte de sucessos: “Não aprendi dizer adeus”, “Paz na cama”,

“Sonho por sonho”, “Não olhe assim”... Moço, a gente deu foi trabalho para as rádios! E trabalho, aliás, foi o que não faltou para nós. Isso porque, além de todos os shows que a gente tinha que fazer, a Globo ainda convidou nós pra estrelar um seriado, chamado *Leandro & Leonardo – Terça nobre*. Eles já tinham feito um especial de fim de ano com a gente, mas dessa vez queriam filmar uma espécie de novela, contando a nossa história de vida. A gente ficou assim, pediu tempo pra pensar. Àquela altura, nós era gato escaldado.

Só pra se ter uma ideia: para o tal do especial do fim de ano, eles gravaram um show nosso em Águas de São Pedro, no interior de São Paulo. Caía uma chuva grossa e o diretor só lá filmando, mesmo quando já não tinha quase mais ninguém. “Cantem, cantem!”, ele pedia. Depois, quando a chuva piorou e não teve mais jeito, a gente foi se refugiar num camarim improvisado onde cabiam, no máximo, umas cinquenta pessoas. Quando nos demos conta da situação, tinha lá umas duzentas, já com água pelas pernas. Teve uma hora em que chegou um cara e disse: “Rápido, todo mundo tem que sair daqui, isso vai cair!” Eu perguntei: “Oi, quem é você?” E ele: “Sou o engenheiro.” É, com engenheiro não dava para teimar, né? O que eu sei é que a gente caiu fora de lá, a jato.



A dupla no programa *Leandro & Leonardo* – Terça Nobre.

Bom, pensamos bem e aceitamos o convite para fazer o seriado. E foi uma trabalhadeira, moço! Cinco, seis dias de gravação e a gente com a agenda lotada. Pra conciliar com os shows era um perrengue danado. Eles arrumavam gravação lá em Valença, que era onde tinha campo de tomate, pra recriar o nosso começo de vida em Goiás, e deslocavam as atrizes da Globo pra lá, só pra fazer o *mise-en-scène*... Era uma beleza! Só que chegou a hora em que o Leandro teve uma daquelas ideias de jerico dele, que foi sugerir ao diretor que a gente gravasse no Pantanal. Não porque eu não goste do Pantanal, sou o maior visitante de lá, vou uma, duas, três vezes por ano. O problema era gravar no Pantanal, havia muitos riscos.

Em algumas cenas, por exemplo, a gente tinha que entrar nos rios, com piranha, sucuri e até arraia. O bicho vive naquela laminha e, se pisar nele, a ferroada é quase fatal. Pra melhorar, o diretor, muito doido, ainda mandava: “Vai lá, entra lá no rio! Só até ali.” E eu: “Vai você!” Era só mosquito e muriçoca chupando o sangue da gente e o das atrizes! Apesar de tudo, tivemos bons momentos naquela temporada do *Leandro & Leonardo*. Muitos artistas amigos nossos participaram e até alguns que a gente ficou conhecendo nessa época, como a Elba Ramalho e o Zé Ramalho. O episódio de Natal a gente gravou na Disney World e lá a gente ia procurar a namorada do Leandro, que era a Adriana Esteves. Na ficção, é claro! É, aquele seriado deu uma alavancada muito grande na nossa carreira. Era na *Terça nobre*, um ano inteiro. Acabava a novela das oito, entrava *Leandro & Leonardo*. Que saudade!



Leandro no cavallinho pocotó.

DESCULPE, MAS EU VOU CHORAR

*Vou chorar, desculpe,
mas eu vou chorar
Não ligue, se eu não te ligar
Faz parte dessa solidão*

*Vou chorar, desculpe,
mas eu vou chorar
Na hora em que você voltar
Perdoe o meu coração*

Composição César Augusto/ Gabriel
Disco Leandro & Leonardo
Gravação Alvorada/ Chantecler (1990)

TALISMÃ

*Vai, saudade, diz pra ela,
Diz pra ela aparecer*

*Vai, saudade, vê se troca
A minha solidão por ela
Pra valer o meu viver!...*

Composição Michael Sullivan/ Paulo Massadas

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Alvorada/ Chantecler (1990)

NÃO APRENDI DIZER ADEUS

*Não aprendi dizer adeus
Mas deixo você ir
sem lágrimas no olhar,
seu adeus me machuca*

*O inverno vai passar
e apaga a cicatriz*

Composição Joel Marques

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Alvorada/ Chantecler (1991)

PAZ NA CAMA

*Quando alguém lhe
perguntar por que voltei
Não precisa a verdade
esconder*

*Diga que voltei
porque te amo,
Que voltei porque te quero
e que sou louco por você*

Composição Édson Mello/ Rhael

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Alvorada/ Chantecler (1991)

SONHO POR SONHO

*Nunca imaginei que você
quisesse de mim
Uma noite só de prazer,
uma transa apenas
Tudo que você me falou,
dói no meu coração
Loucura cheia de sedução,
mudou a minha vida*

Composição Chico Roque/ Carlos Colva

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Alvorada/ Chantecler (1991)

NÃO OLHE ASSIM

*Não olhe assim, não,
você é linda demais
Tem tudo aquilo que
um homem procura
em uma mulher...*

*Não olhe assim, não,
porque até sou capaz
De atender esse meu
coração que só diz
que te quer...*

Composição César Augusto/ César Rossini

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Alvorada/ Chantecler (1991)

a vida tem
dessas coisas



É, RAPAZ, O LUÍS E O EMIVAL PEGARAM O PRIMEIRO AVIÃO RUMO À FELICIDADE E VIAJARAM MUITO, MUITO MESMO. Saímos da roça, viramos Leandro e Leonardo, comemos o pão que o diabo amassou, mas insistimos e fizemos um sucesso danado. Ganhamos o amor de um país inteiro. Num dia desses aí, como era de esperar, nós demos uma paradinha para respirar e olhamos para trás. E o que é que a gente viu? Que o Leandro e Leonardo tinham deixado de ser meninos, que haviam se transformado em homens. Os filhos vieram. Da minha parte, o Pedro Leonardo; da parte dele, o Thiago. O que nós queríamos era ser bons pais e trabalhar bastante para que a dupla continuasse podendo levar muita alegria para o povo. No meio-tempo, aproveitávamos a vida que Deus nos dera. Era apenas isso, não tinha mistério nenhum.

Eu e o Leandro tínhamos uma coisa muito interessante. A gente era muito ligado, desde pequeno. Mesmo naquele colchão de palha, em cima do jirau, a gente só dormia junto. A gente ia para a roça junto. A gente cantava junto. Mas, depois do sucesso todo, o que aconteceu é que ele tinha os amigos dele e eu tinha os meus. Eu sempre gostei muito de futebol, de esportes, e ele curtia mais um baralho, uma sinuca. Aliás, o Leandro sempre foi muito bom de taco! Ele gostava de cozinhar e também de comer. O Willian fazia muita galinhada para ele. Ah, e você nunca via o cara sem o seu kit de café. Ele não podia ficar sem um cafezinho! Os amigos, o Leandro escolhia a dedo, e não gostava de ficar sozinho. Ele era tímido, reservado, ficava muito na dele. Mas era muito fiel às pessoas de quem gostava e em quem confiava. Então, ele ia com os amigos dele pra fazenda dele, e eu ia com os meus amigos para a minha, onde eu podia pescar, jogar futebol e mexer com gado. Quando o Leandro não estava na fazenda, ele estava tocando os negócios.

Mas, moço, era só falar em música que a gente voltava à velha intimidade. Ele dizia “vamos gravar tal dia” e, quando chegava o tal dia, a gente já tinha ouvido o repertório inteirinho. No estúdio, eu só ia para passar os tons e os andamentos das músicas. A gente gravava as vozes e aí ele me mandava embora, dizendo: “Quando eu acabar a mixagem, mando uma cópia para você.” O Leandro quase matava os produtores de trabalhar! Ele não saía do estúdio e mandava buscar café da manhã, almoço e janta, para que ninguém saísse também. Por sinal, tem lá até hoje um sofá velho, descascado, com um

buraco bem no meio, que era justamente onde o Leandro ficava sentado, horas, até que a mixagem estivesse boa.

Aí, ele me mandava a fita e eu ficava ouvindo. Sempre encontrava um violão mais baixo aqui, uma voz mais alta ali. Quando eu dizia o que achava da mixagem, ele sempre ficava irritado: “Você nem estava aqui, agora fica botando defeito!” Eu tinha que ficar contornando a situação: “Não, Leandro, tô botando defeito, não! É que às vezes você fica meio bitolado no estúdio, sem referência, e eu tô com a cabeça limpinha...” No fim, ele sempre dava o braço a torcer: “Tá bom, vou lá pra casa ouvir...” E aí, um tempo depois, ele admitia que eu tava certo.

Era sempre assim, o Leandro era perfeccionista demais! Até as fotos da capa era ele que escolhia. Ele ficava lá, analisando: “Tô bem nessa, mas você não tá... Nossa! Nessa aqui, você tá lindo! Mas eu não tô...” Até achar uma foto em que os dois estavam bem era uma eternidade! O Leandro era um eterno sonhador. Ele era o cabeça, eu era o braçal. Eu podia até ser a primeira voz da dupla, mas ele era o regente. Era ele quem dava os tempos, sem ele eu não era nada. Esse negócio de vaidade, de “eu fiz isso, você fez aquilo”, isso nunca existiu entre nós dois. Não havia do que reclamar. Com esse acerto, tudo dava mais do que certo.

Os discos continuavam cheios de sucessos. O volume seis do *Leandro & Leonardo*, por exemplo, veio com “Temporal de amor”, aquela:

*quando você chegar
quando a saudade sair
vai trovejar, vai cair
um temporal de amor*

Nossa, como o Brasil cantou essa música! No volume sete, teve o “Mexe-mexe”, um forrozinho gostoso que muita gente dançou nas festas. Lá pelo volume nove, veio uma das baladas mais bonitas da gente, o “Eu juro”, que era uma versão de uma música americana. Ah, sim, as versões dos sucessos internacionais eram uma coisa que a gente gostava muito de fazer. “Esta noite foi maravilhosa”, por sinal, é uma música do Eric Clapton. “É por você que eu canto”, então, é do Simon & Garfunkel. E naquele nosso volume nove ainda tinha o “Festa de rodeio”, uma música bem country, com violino e guitarra, que

também tocou muito nos rádios.

Uma tristeza muito grande foi quando o nosso tio Zé morreu, em 1995, num acidente de carro, quando ia de Minas para Goiás, depois do show de lançamento do CD da dupla que nossos irmãos, o Carlos e o Alessandro, formaram. Nem deu pra se despedir do nosso tio querido, que tanto nos ajudou. Mas temos outras memórias, boas, daquela época. A gente gravou no México o prometido CD em espanhol, que foi lançado na Argentina, Venezuela e Guatemala. Um tempo depois, lá no Chile, a gente foi atração principal do festival de Viña Del Mar. Era muito engraçado ouvir aquelas multidões cantando nossas músicas em espanhol, a imprensa atrás da gente, os fãs na porta do hotel... Lembro da Shakira, ainda novinha, entrando na nossa van por engano. Era ela que ia abrir o nosso show, puxa vida!

Por causa da carreira latina, a gravadora arrumou para nós um professor de espanhol, o Carlos, que era mexicano e veio morar na minha casa. A gente tomava umas cachaças de vez em quando e ele ficava dizendo: “Nossa, Leonardo, você fala igual a um mexicano, estou orgulhoso do meu trabalho!” Pois uma vez ele foi para o México e voltou todo assado, de tanto ficar sentado no avião. Ele chegou lá em casa e eu: “Não, fica tranquilo que eu tenho um remédio bom demais aqui! É passar e sarar na hora.” E ainda recomendei: “Toma um banho bem tomado e, pelo amor de Deus, não passa sabão nas assaduras, senão você não vai aguentar!” Aí, veja só, eu peguei um líquido de tirar maquiagem, que arde mais do que mertiolate antigo. Ele fez uma concha com aquelas mãozonas dele, derramei um pouco e falei para ele passar nas assaduras. Moço, foi uma gritaria dentro do banheiro! Ele pulava igual pipoca na panela e gritava: “Hijo de la chingada! Hijo de la chingada!” Que é o mesmo que “filho da puta”. “Desgraciado, perro!”, ele urrava. Eu sei que ardeu. Mas sarou o trem dele!

Tudo o que aconteceu para o Leandro e Leonardo naqueles tempos foi lindo, lindo. Mas aquilo não teria metade da beleza se não estivesse acontecendo também para a música sertaneja como um todo. O mar virou sertão, o Brasil inteiro virou sertão naqueles tempos. Depois de muito pelegarem, os músicos do interior estavam conseguindo chegar lá, aos grandes palcos, às rádios FM, aos programas de televisão do horário nobre. Foi uma grande honra para nós, por exemplo, participar do especial de TV *Amigos*, com Chitãozinho e Xororó e Zezé Di Camargo & Luciano.

O sucesso veio, grande, para todos nós. E foi linda a festa que armaram para o nosso encontro, lá no Espaço Verde Chico Mendes, em São Caetano do Sul.

Chegaram mais de 100 mil pessoas para ver nós, naquele palco que não tinha mais fim. Tinha fumaça, uns efeitos de luz, bailarinos, tudo como mandava o figurino do sucesso, para ficar bonito na telinha. As três duplas cantaram umas as músicas das outras e, naquela hora, eu ficava só pensando na nossa luta para chegar até ali, uma luta que não foi nada fácil, por essas estradas cheias de barro e poeira do Brasil. No final, todo mundo cantou junto “Menino da porteira”, “Noite feliz” e a “Ave Maria” de Gounod. Nessa hora, um cara saiu do meio do povo com uma imagem de Nossa Senhora e a luz pegou direto nela. Aquilo foi muito emocionante. O diretor, que era o Aloysio Legey, não avisou nada, foi uma grande surpresa. Rapaz, que noite aquela!

E que festa que a gente fez na fazenda do Chitão pra comemorar aquela nossa vitória! Os sertanejos chegaram ao topo e permaneceram lá, todos juntos. Ninguém mais tiraria aquilo da gente. Era muito divertido gravar o *Amigos*. O Leandro ficava mais junto do Xororó, eles eram os dois caras mais sérios. A gente ficava lá, brincando e fazendo troça dos outros, e eles pediam silêncio para passar o texto, como se fossem galãs de novela. O programa foi um sucesso e teve outras edições, nos anos seguintes, com as três duplas do início e outras que chegaram ao grande público, como o Chrystian & Ralf, o João Paulo & Daniel e o Gian & Giovani. Não tinha cercas aquele nosso mundo sertanejo, era só vir que tava bem-vindo.

Em 1997, mais uma conquista: a gente foi ao Japão para fazer uma turnê. Foi pra cantar basicamente para os brasileiros, mas também para um bocado de japoneses. Fiquei uma semana lá. Andamos de trem-bala, e, na estação, acabamos nos perdendo do Cabeção e do Willian. Era como achar duas agulhas no palheiro, no meio de 3 milhões de pessoas. E ainda mais aqueles dois caboclinhos, que eram até meio japoneses! Foi muito bom ter ido pro outro lado do mundo. O diretor da gravadora acompanhou a gente na viagem. Numa noite, quando acabaram os trabalhos, nós fomos para uma boate, tomar umas, que ninguém é de ferro. E eu pensei: “Já que eu estou aqui no Japão, onde ninguém me conhece, vou pintar o cabelo de amarelo.” E foi o que eu fiz. Mas, moço, quando eu entrei na boate, umas japonesas foram logo me abordando: “Leonardo! Que cabelo é esse?” Se fosse hoje, que tem internet, eu tava lascado! Fui no banheiro passar uma toalhinha e quanto eu mais passava, mais amarelo ficava! E, pior, quando cheguei ao meu quarto do hotel, ainda dei de cara no corredor com o diretor da gravadora só de cueca e óculos! Ele achava que tinha entrado no banheiro e a porta bateu atrás dele, deixando o cara preso do lado de fora! Ele queria que eu descesse e falasse com a portaria, mas tirei

meu corpo fora e ele mesmo teve que descer, pelado. Rapaz, não ficou uma japonesa lá, saiu todo mundo correndo de medo dele!

Acredita que, naquela época, a Ede Cury queria que eu aprendesse japonês e até arrumou um professor pra mim? Ele falava: “Arigatô gozaimasu.” E eu: “Gozar o quê?” Não podia mesmo dar certo, e eu nunca aprendi nem uma palavra de japonês! E a história da comida japonesa? Uma vez, lá em São Paulo, eu e Leandro fomos com a Renata Ceribelli, do *Vídeo Show*, num restaurante para comer sushi. A gente aprendeu as palavras que tinha que usar para pedir a comida e como é que comia aquele trem... Mas aí os peixes ficavam com aqueles oião arregalado olhando para a gente e eu desisti: “Não vou comer isso, não!” E ela, sacana, insistindo: “Não, você tem que comer, come!” Eu ia só no arrozinho, e o Leandro comendo bem aquilo. Que maldito! Mas eu tive meu troco. De repente, ele pegou uma lula meio borrachuda. Mastiga daqui, mastiga dali... E eu nunca vi ele transpirar daquele jeito, nem quando trabalhava na roça! O Leandro não sabia se engolia ou se jogava fora aquela lula. E a câmera em cima dele, filmando. Eu ri demais naquele dia!



A dupla em uma coletiva de imprensa no Japão.

Hoje eu tenho a maior saudade desses momentos que eu passei com o meu irmão. Porque o que vinha pela frente, ninguém poderia imaginar. Tudo começou em abril de 1998, quando o Leandro tava passando um tempo na fazenda dele, lá em Tocantins. Ele gostava de pescar à noite. Chegava a ficar umas oito horas direto no rio só esperando os peixinhos e os peixões morderem a isca. Eita cara paciente, sô! Bom, mas um dia ele voltou da pescaria depois de umas duas horas com uma dor muito esquisita nas costas. Uma menina lá da fazenda fez uma massagem pra ver se melhorava. Um amigo até sugeriu que ele fosse fazer um *checkup* em São Paulo para ver aquilo, que podia ser algo além de uma simples dor nas costas. Mas o Leandro tinha uns shows para fazer comigo, achou que dava pra esperar. Podia não ser nada. Eu mesmo falava que aquilo devia ser de ele tanto ficar jogando molinete.

Quando a gente foi para Araxá fazer um show, o Leandro ainda estava reclamando de dor. E eu, sem querer apavorar ele: “Deve ser os molinete que você fica jogando! Você tá mexendo com músculo que você não tem costume de mexer.” Ele ficou naquela: “É, pode ser...” Tomou um analgésico e melhorou. Fomos fazer a apresentação e, lá pelo meio, ele falou que tava sentindo dor de novo, que tava dando um cansaço nele. Eu falei: “Fica no camarim, então, eu acabo de fazer o show sozinho.” Mas ele não quis saber e aguentou firme até o final do show.

Uns dias depois, a gente estava em Cotia, na casa do Zé Camargo, um amigo. Tava tendo uma festa e eu lembro que dormi à tarde. Quando acordei, tinha um médico lá. Perguntei o que tinha acontecido e ele me disse: “Você sabia que o seu irmão passou mal? Ele sentiu uma dor nas costas e começou a ter uma tonteira no banheiro.” Eu achei aquilo estranho, porque o Leandro era muito metódico com essa coisa de médico, de dentista... Ao dentista, então, ele ia todo dia, mesmo não precisando. Eu disse: “Ah, não deve ser nada, não.” Aí, o cara falou pra mim: “Olha, tomara que não seja nada, porque pelo que eu vi não é boa coisa, não.” Eu me assustei com aquilo e disse pra ele: “Ah, que isso! Mentira! Deus abençoe que não seja nada!”

Aí nisso, quando foi lá pra meia-noite, estavam o Chico Audi, nosso fotógrafo, mais a mulher dele, a Samira, lá na cozinha, tomando café com o Leandro. Eu cheguei e perguntei: “E aí, Leandro, tudo bem?” Ele sorriu e disse: “Tudo bem, tudo joia, tomei uns medicamentos e tá tudo legal.” Como estava tudo bem, fui logo pegando uma cerveja para a gente comemorar. E ele

me interrompeu: “Ah, você não vai poder tomar cerveja, não. Você tem que ir embora.” E eu não tinha a menor ideia do por que daquilo. “É que ligaram e disseram que o seu filho vai nascer essa madrugada”, ele me avisou. O trabalho de parto tava previsto para 6h da manhã. Corri, peguei um avião e, no outro dia, estava vendo o meu filho Zé Felipe nascer. Foi uma alegria muito grande, mas que durou só até eu ligar para o Leandro.

Quando eu contei a novidade, todo animado, ele me disse: “Tô aqui no hospital, fazendo uma bateria de exames.” Foi como um balde de água fria que jogassem em cima de mim, moço! Ninguém jamais quer imaginar que o seu irmão possa estar doente. Bem, ele fez os exames... E aí, sabe como é que é. Os médicos nunca falam nada para ninguém, não importa que seja irmão, esposa, pai ou mãe. Naquela falta de informações, eu não conseguia nem pensar direito. Muito preocupado com o Leandro, eu deixei a mulher com enfermeira e babá e fui para São Paulo, para ter uma reunião com os três médicos que tinham feito os exames. Eu precisava ter uma ideia, qualquer ideia que fosse, do que tava acontecendo!

Quando a reunião começou, o primeiro médico falou assim: “Ó, Leonardo, vou contar uma coisa pra você aqui. O seu irmão está com um tumor maligno no pulmão. Mas tudo é tratável.” Aí o segundo foi adiante, tentando amenizar a situação: “É, realmente, tudo é tratável, vamos ver o que a gente pode fazer.” Quando chegou a vez do terceiro, a coisa mudou radicalmente de figura. Ele só falou isso: “Leonardo, o seu irmão tem uma bomba dentro do peito e ela vai explodir a qualquer momento!” Os outros médicos ficaram indignados: “Você não pode falar assim desse jeito!” E ele: “Posso, sim! O que eu não posso é enganar ele.” E aí ele falou o que ainda faltava, me olhando bem direto nos olhos: “O câncer do seu irmão é raro, se chama tumor de Askin e é um tipo de câncer infantil. Até hoje, o Leandro é o segundo adulto que a gente conhece a ter apresentado ele. Então, meu amigo, a verdade é dura mas é essa: seu irmão vai durar só uns sessenta dias.”

Aquilo, ainda mais dito assim, de forma tão seca, tão sem anestesia, acabou comigo. Rapaz, aquele era o meu irmão, o meu parceiro musical, o meu melhor amigo. Mas a gente tinha muita fé, a gente sabia que isso, para Deus, não é nada. Um dia você pode acordar de manhã e não ter mais nada, a doença pode ter sumido toda. Mas, por mais que tentasse me agarrar a um fio de esperança, a um milagre, eu fiquei naquele desespero, sem saber o que fazer. A primeira coisa que fiz foi ir para o banheiro, para poder olhar a minha própria cara no espelho. Eu me perguntava: “Meu Deus do Céu, o que vai acontecer com o

meu irmão? Será que ele vai morrer?” Eu não sabia o que fazer.



Leandro & Leonardo no final de mais um show.

Apesar disso tudo, o Leandro seguia com aquela enorme vontade de viver, dizendo: “Eu vou sair dessa, vou sair dessa!” As opções que a ciência oferecia eram poucas e não tinham muita valia. O pulmão e a veia cava dele estavam comprometidos, não havia como operar. Ninguém sabia qual seria a reação à quimioterapia. A única chance de reverter aquilo era ir para os Estados Unidos se consultar com o doutor Frederic Askin, o médico que descobriu o tumor e que era o maior especialista nele. Saímos da reunião, o Leandro voltou para o hospital e eu lembrei que nós tínhamos show para fazer em Bragança Paulista, que já estava até sendo muito bem anunciado nas rádios. Quando chegou o dia, ele bateu o pé firme e disse: “Eu vou!” Ele estava muito amarelo, já no quarto dia de remédio, começando a ficar debilitado. Mas, mesmo assim, Leandro quis ir, não abria mão de cumprir o compromisso com o público.

E lá fomos nós para Bragança Paulista... Só hoje é que eu consigo ver como foi bonito aquilo. No camarim, pedimos proteção a Deus. E entramos no palco sorrindo, de mãos dadas, como a gente sempre fazia. O Leandro conseguiu cantar uma boa parte do show, tentando não dar muita pinta de que estava passando mal. De vez em quando, ele ia para o camarim, para descansar um pouco, e aí eu cantava sozinho. A última música da noite foi “Não aprendi dizer adeus”. Eu não queria acreditar naquilo tudo que estava se passando, mas as palavras do Leandro, quando se despediu do público, me puxaram para a Terra de uma forma muito violenta. Ele disse e eu jamais vou esquecer: “Até a próxima, se o Papai do Céu permitir.” Leandro sabia e estava se despedindo da vida também. A família estava toda lá no camarim, preocupada com ele. Só eu que não queria aceitar... Foi o último show que o Leandro fez.



O sorriso contagiante da dupla na campanha beneficente Latinha pela vida, em combate ao câncer.

TEMPORAL DE AMOR

*Quando você chegar
Tira essa roupa molhada
Quero ser a toalha
E o seu cobertor...*

*Quando você chegar
Mando a saudade sair
Vai trovejar, vai cair
Um temporal de amor...*

Composição Cecílio Nena

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Alvorada/ Chantecler (1992)

MEXE-MEXE

*É um mexe-mexe
Todo mundo apronta,
faz o que dá conta
É um beija-beija*

*E nessa peleja, todo
mundo tonto
Eu que não sou santo
Também tô no meio*

Composição Nazildo/ Altair Menezes

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Alvorada/ Chantecler (1998)

EU JURO

Eu juro!
Por mim mesmo,
Por Deus, por meus pais
Vou te amar
Eu juro!
Que esse amor não
acaba jamais

Vou te amar
É tanto querer,
é tanta paixão
Te amo do fundo do
meu coração
Eu juro!...

Composição Frank Joseph Myers/ Gary Baker/ Vrs. Demian

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Warner Music (1995)

ESTA NOITE FOI MARAVILHOSA

*A noite vem vindo,
Estrelas brilhando em nós.
Te vejo sorrindo,
E ouço a sua voz.
Me perguntando,
Se eu te gosto assim*

*Digo que sim
Toda linda só pra mim
No meio da festa tentam,
Flertar você*

Composição Eric Clapton/ Vrs. Paulinho Rezende

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Alvorada/ Chantecler (1992)

É POR VOCÊ QUE CANTO

*Pode tudo transformar
Pode tudo se perder
Pode o mundo virar
contra mim*

*Aconteça seja lá o que for
Cada dia que passar eu
quero ainda muito mais
Seu amor*

Composição Paul Simon/ Vrs. Cilinha/ Vrs. João Viola

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Continental (1989)

FESTA DE RODEIO

*Em festa de rodeio, não dá
pra ficar parado,
Tem cowboy e boiadeiro
e mulher pra todo lado*

*Em festa de rodeio, coração
atravessado
Eu sou um peão no meio,
desse povo apaixonado*

Composição César Augusto/ César Rossini/ Reinaldo Barriga

Disco Leandro & Leonardo

Gravação Warner Music (1995)

resto de vida



DALI PARA A FRENTE, NAQUELE ESTÁGIO DA DOENÇA DO MEU IRMÃO, ficou muito difícil para qualquer um de nós manter a serenidade. A gente rezava muito, pedia a Deus uma cura, mas o tempo só passava e a gente não conseguia ver uma luz no fim do túnel. Teve uma hora em que eu precisei juntar todas as minhas forças e falar: “Leandro, é melhor a gente ir lá falar o que está acontecendo e dizer que você vai dar um tempo para se tratar.” Àquela altura, com todo o mistério, já estava rolando muita boataria, tinha um pessoal falando muita besteira. Era só ele aparecer mais abatido que já diziam que estava com isso ou com aquilo.

Era a hora de dar um basta, pôr tudo às claras para aquele público do Brasil inteiro, que sempre nos apoiou e sempre torceu por nós, pra acabar com todas as dúvidas. Eu insisti: “Leandro, o povo merece, foi ele que nos fez, ele é merecedor de saber tudo sobre você. Além do mais, as orações desse povo vão ajudar demais a gente. A gente sempre pode contar com as vibrações positivas desse público que nos abraçou, que nos ajudou a construir tudo.” Foi só aí que ele deu o braço a torcer e deixou que a Ede Cury marcasse a entrevista coletiva.

Reunimos a imprensa numa segunda-feira, num hotel bacana de São Paulo. Eram muitos jornalistas, todos aqueles que nos acompanharam na escalada para o sucesso, lá, afoitos para saber detalhes do que estava acontecendo com o Leandro. E ele foi muito corajoso ao dizer que estava, sim, doente e que ia dentro de alguns dias para o exterior, para se tratar. Mas o meu irmão também teve muito tato, soube lidar muito bem com a situação. Na frente daquela gente toda, de todas aquelas câmeras, ele não perdeu o bom humor, conseguiu sorrir e ainda pediu para todos ali mandarem suas boas energias, para que ele se curasse.

“Pensem em mim, orem por mim”, ele falou. E teve jornalista que até chorou. “Daqui para a frente, gente, é só eu me cuidar, rezar e ver no que vai dar.” Eu ainda estava arrasado, realmente muito triste com aquilo. Mas, olha, naquela hora me deixei contaminar pelo entusiasmo, por aquela vontade de viver dele. A gente chegou a cantar “Eu juro” juntos. Por um momento, eu tive a certeza de que ainda teria o meu irmão junto comigo no palco por muitos e muitos anos. Ele ia derrotar aquela doença. Nós íamos derrotar ela juntos!

No dia seguinte, o Leandro embarcou com a nossa irmã Mariana para Baltimore, nos Estados Unidos. Antes, os dois deram uma passadinha em Nova

York, e lá o cara se fartou de comprar chapéu, jaqueta de couro, cinto, bota e tudo mais numa loja country. E isso com a imprensa toda em cima. Ele não tinha nem uma folguinha pra cuidar da imagem! Quando chegou em Baltimore, o Leandro tirou um pedacinho do tumor para fazer os exames. Enquanto isso, eu aqui ia fazer a minha primeira apresentação sozinho. Rapaz, que situação! Mas eu sou um cara de sorte, porque o meu irmão teve uma ideia sensacional: a de fazer um vídeo com uma mensagem, para exhibir antes do show. Ele dizia que estava se cuidando e depois falava assim: “Vocês vão cantar com o Leonardo pra mim. Cuidem dele. E, olhem, não deixem ele fazer besteira, nem falar muita bobagem. O show de hoje vai ser uma maravilha. É com você, Leo.” Era a força de que eu precisava porque aquilo não estava sendo nada fácil para nós! Ele naquele estágio e estava preocupado comigo, com a minha velha timidez...

Lá nos Estados Unidos, os médicos disseram que o tumor de Askin estava entre o coração e o pulmão e que o tratamento recomendado era a quimioterapia. O Leandro ficou assustado, claro, mas não se deixou abater naquela sua determinação. Disse que o câncer não ia vencer ele e que ia voltar para o Brasil, para se tratar perto da sua família, dos amigos, das pessoas que queriam bem a ele. No avião, na volta para casa, havia uma equipe de TV acompanhando tudo. Um repórter perguntou, então, qual música é que ele cantaria aquele momento. E ele cantou:

*Eu não sei pra onde vou
pode até não dar em nada...*

Era “Um sonhador”, que a gente tinha gravado para um disco que a gente ia lançar. Leandro desembarcou em São Paulo em pleno Dia das Mães. Cada pessoa que saía do avião ganhava uma rosinha. O Leandro veio com a dele na mão, era uma imagem que me deixou a ponto de chorar, tão bonita e tão triste.

Logo que encontrou a imprensa, Leandro demonstrou toda a confiança que tinha e disse: “Se houver um por cento de chance, vou brigar com essa doença! Não tenho medo.” Era a fé em Deus que movia ele, só a fé. Do aeroporto, ele foi encontrar dona Carmen e passar com ela o Dia das Mães. As equipes de TV estavam junto de nós, querendo registrar aquele momento, e os jornalistas sempre buscando novidades sobre a saúde dele. Nós ficava lá, tentando

disfarçar a tristeza com o estado do Leandro e a preocupação com o futuro.

Naquele dia, eu tinha uma missão muito ingrata, que era perguntar para ele quem ia ser o seu substituto naqueles próximos shows, no Nordeste. Teve uma brecha na prosa em que eu consegui introduzir o assunto e perguntei: “Leandro, o que eu faço? Levo o Carlão ou Alessandro, os nossos irmãos que sempre cantaram?” Cara, ele nem respirou e já foi respondendo: “Olha, a gente sempre cantou só nós dois. E você, cara, você tem uma presença de palco tremenda, é você que carrega o show nas costas. Vai sozinho, que você vai dar conta.” Foi isso que o Leandro me disse. Eu não acreditava no que tinha acabado de ouvir e ainda perguntei: “Essa é a sua vontade mesmo?” Ele só acenou com a cabeça, naquele cansaço que a doença provocava. “Então, tá, eu vou sozinho”, avisei, finalmente convencido de que era aquilo mesmo que eu tinha que fazer. Porque, ficando lá, eu não ia resolver nada mesmo, né? O melhor que eu fazia era ir para a estrada, cuidar do nosso público e ficar recebendo notícias da recuperação dele. O sofrimento ia ser grande do mesmo jeito, fazer o quê?

Aquela noite do Dia das Mães foi muito importante para nós dois. Ficamos conversando como há muito tempo nós não conversava. Entramos pela noite, parecia que a gente estava de volta aos tempos de criança, dormindo na mesma caminha. Quando tava só nós dois, me veio na cabeça uma história muito antiga, uma coisa que o Leandro tinha me falado, na praça de Goianápolis. Desembuchei: “Leandro, você lembra aquela noite em que você me disse que um dia nós dois íamos ser famosos e que eu ainda ia dizer para você que era um burro por não ter acreditado? Pois é, eu fui mesmo muito burro.” Achei que aquilo ia alegrar ele, afinal, Luís e Emival tinham virado Leandro e Leonardo, uma das duplas de maior sucesso da história da música sertaneja. Dois astros reconhecidos em qualquer lugar do Brasil.

Mas não. De repente, o Leandro, que até pouco antes estava até rindo, ficou com a cara mais séria do mundo. Ele, então, pegou a minha mão e disse: “Você é burro, mas só agora estou me tocando que você falou a coisa mais inteligente que eu já ouvi!” Fiquei pensando em que coisa seria aquela, que eu não chegava nem perto de saber. E ele: “Lembra aquela noite no hotel, depois do show no Canecão? Você me disse: ‘De que adianta a gente ficar trabalhando o tempo todo se depois a gente não consegue curtir a vida?’” Moço, eu nem lembrava mais daquilo! E aí o Leandro continuou: “Você tinha toda a razão. De que me serve esse sucesso todo se eu não posso curtir nada?” Eu tentei contornar aquela tristeza garantindo que ele ia ter tempo, sim, para curtir todo aquele sucesso que a gente tinha conquistado. E ele ficou mais feliz.

Depois disso, o Leandro deu uma paradinha para recuperar as forças e continuou a abrir o coração: “Quando eu sair dessa vou mudar muitas coisas... Quero viajar pelo mundo, de férias, não para trabalhar. Quero ficar mais com os meus filhos. Quero ficar à toa, sem ter nada para fazer. Quero passear, sabe?” Eu tentava segurar as lágrimas, e ele me perguntava: “Será que eu vou conseguir?” Dei um grande abraço no meu irmão, daqueles que a gente há muito tempo não se dava. E disse: “Logo, logo, é você quem vai estar dizendo para mim: ‘Eu era mesmo burro, meu irmão!’” Rimos, choramos, aquele foi um momento só nosso. O último.

Saí dali lembrando uma canção bonita, que nós dois cantávamos no começo da carreira, chamada “Conselho de pai”. Ela contava exatamente a nossa história até aquele momento. A história de dois garotos que nasceram no berço do interior do Brasil e que cresceram junto à natureza pura, sonhando com a vitória, com as coisas que eles viam na televisão. Chegava um ponto em que a música falava assim:

*Agora eu sei que o meu pai tinha razão
o sucesso não é tudo nesse mundo de ilusão
Ah, que saudade do torrão da minha terra!
Ah, que saudade dos amigos que deixei!*

Fiquei pensando muito naquilo, no que o destino reservava para nós. E aí lembrava um outro pedacinho da letra:

*Ah, se eu pudesse voltaria ao meu passado
deixava os sonhos de lado e as histórias da TV.*

Mas não dava para voltar no tempo e nem adiantar ele. O jeito era viver cada dia de cada vez e aguardar. Por mais duro que fosse.

Leandro tirou uns três dias de folga e começou o tratamento. Ter a família ao lado, naquele momento, era muito importante para o Leandro. Ele brincava com a gente, dizendo que a única coisa que os Estados Unidos tinham e que a gente não tinha era a fórmula do remédio. A cura mesmo, ele ia encontrar era

aqui, permanecendo do lado da mãe, do pai, dos irmãos, dos filhos e do povo brasileiro, que nunca o abandonara com suas orações.

Os médicos ficavam impressionados com aquela teimosia de Leandro em vencer a morte, querendo pegar a mardita e dar uma surra nela. Tinha um dos doutores que dizia: “Ele realmente é um sujeito diferente! Falando com ele, você começa a descobrir porque é que ele saiu de uma lavoura em Goiás para virar um dos maiores cantores do nosso país. Ele tem uma tenacidade impressionante!” Mas a realidade é que, apesar de tudo, o Leandro só piorava. Quando eu falava com os médicos, eles me diziam: “Leonardo, essa doença é assim. Agora o Leandro tá bom... daqui a pouco ele tá ruim... daqui a pouco ele tá bom... e daqui a pouco ele tá morto. Infelizmente, é desse jeito. E o tumor dele, que quando nós descobrimos era do tamanho de uma cereja, agora tá do tamanho de um limão galego. Toda semana ele cresce um pouco.” Era terrível ouvir aquilo e me manter de pé. Nem sei como consegui!

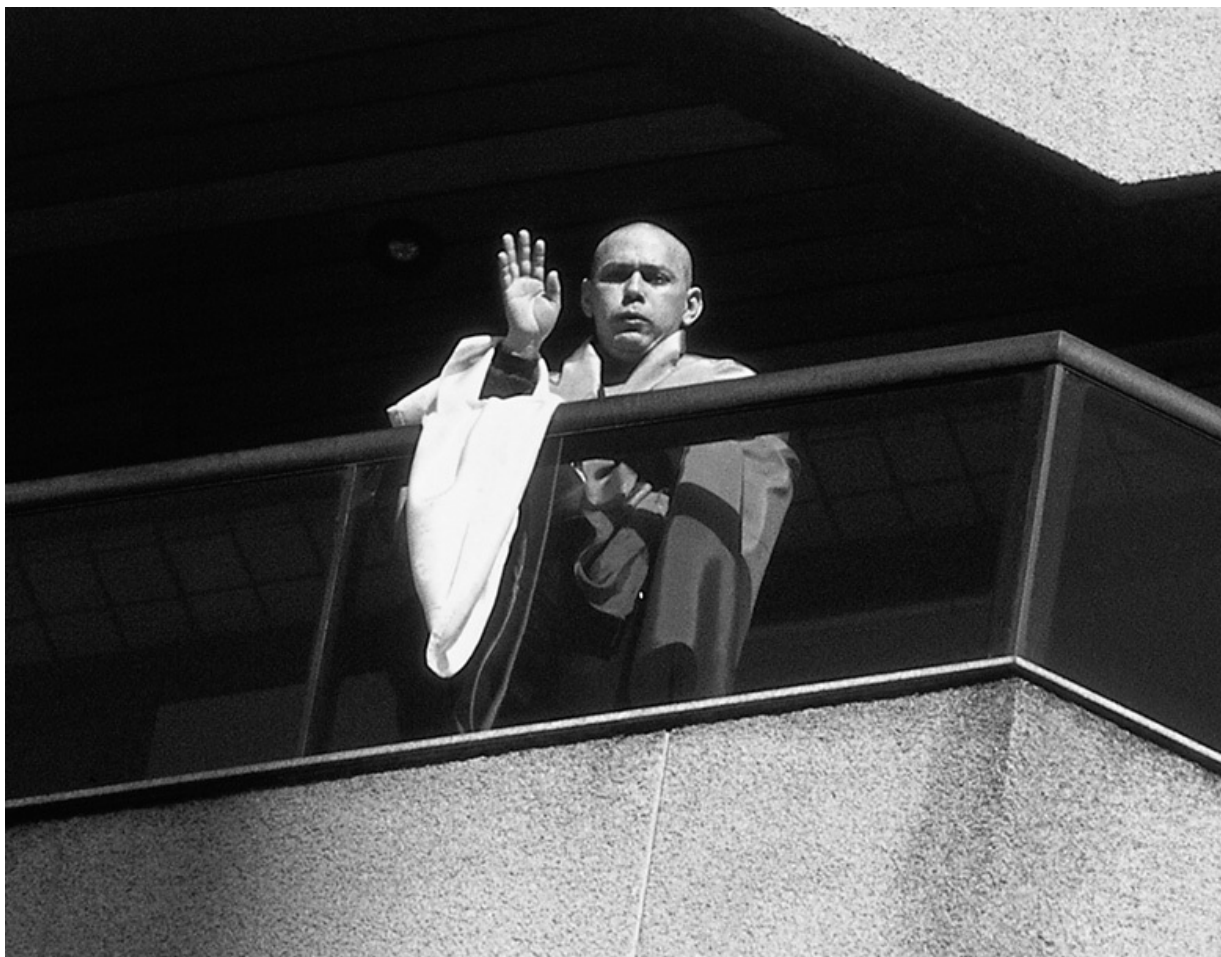
A quimioterapia até que começou bem. O Leandro fez as primeiras sessões, não teve muita amolação e ele continuou se alimentando bem, comendo tudo aquilo de que gostava. Logo, veio a notícia de que o tumor tinha desinchado bastante, uns trinta por cento do tamanho. Mas os médicos explicaram que aquilo não era sinal de que a doença tinha regredido, era só uma diminuição na inflamação, coisa normal no tratamento de quimioterapia. O Leandro, pelo menos, estava se sentindo um pouco melhor, porque aquilo pressionava demais o peito dele, era uma dor sem fim. Ainda assim, ele estava muito abatido, as resistências do corpo muito enfraquecidas, sempre sob o risco de contrair infecções. Eu falava muito com o meu irmão por telefone. Mas no estado em que ele estava, a gente ficava meio sem palavras. Eu só falava que estava rezando, torcendo demais para ele sarar, para ele voltar logo pro palco.

Quem dava muito apoio nesse hora para o Leandro, e para nós, eram os nossos fãs. Era aquele pessoal que se apaixonou pela gente com a “Contradições”, com a “Solidão” e que seguiu firme ao lado da dupla, torcendo pelo sucesso. Uma vez, quando o meu irmão estava saindo do hospital e indo para casa, os fãs cantaram “Pense em mim” junto com ele. Foi uma cena emocionante, me contaram, e eu morro de pena de não ter visto! Nos dias seguintes, o povo acampou na frente da casa dele e passou dia e noite rezando, pedindo um milagre.

A quimioterapia seguiu e o Leandro ficou ainda mais abalado. Tinha dias em que era quase impossível ter forças para prosseguir, mas sempre aparecia um sinal. Um dia, ele estava saindo do hospital, conversando com o médico, e nem

percebeu que tinha um menino de uns 8 anos correndo atrás do carro dele. Eles já tinham passado por alguns quarteirões até que o Leandro viu aquele garoto pelo espelho retrovisor e mandou parar o carro. O cara abriu a janela e o pobrezinho, esbaforido, gastou todo o fôlego que tinha para dizer: “Leandro... eu tenho certeza... que você vai... sair dessa!” Ele pôs a mão na cabeça do menino e agradeceu por toda a força que estava recebendo. Foi um negócio que deixou todo mundo mexido quando ele contou. O garoto certamente não tinha a menor ideia do tamanho da força que tinha aquele gesto! Acho que aquilo realmente fez o Leandro resistir mais tempo.

Apesar de tudo, o estado de saúde dele só piorava. Mas ele não queria se esconder, não queria se afastar daqueles que tanto amavam ele e a quem ele tanto amava. O seu maior sofrimento foi quando os cabelos começaram a cair por causa da quimioterapia. Vaidoso do jeito que era, o Leandro resistiu muito à ideia de raspar a cabeça. Precisou que a Mariana fosse chamar um cabeleireiro de confiança pra ele deixar passar a máquina zero. Depois que se viu no espelho, ainda fez uma cara de desânimo, mas resolveu encarar de frente a verdade. Era dia de jogo do Brasil na Copa do Mundo e ele queria uma bandeira para torcer. Ele falou com a Ede Cury, que conseguiu um pano verde e amarelo, esterilizado, e levou para ele. Só aí é que ela viu o Leandro careca. “Nossa, você tá lindo!”, ela disse. Era mesmo: a cabeça do Leandro estava lisinha, parecia um cara do filme de *kung fu*!



Leandro acena para os jornalistas e fãs de plantão.

Enquanto isso, um monte de jornalistas e fotógrafos estavam na porta do prédio esperando por uma informação, um aceno qualquer do Leandro. A Ede explicou a ele: “Esses caras estão aí o dia inteiro. Vai lá, aparece para umas fotos e deixa eles irem para casa.” Leandro foi à janela com a bandeira na mão e depois se enrolou nela. Depois, vendo aquilo pela TV, a gente achou um negócio muito forte. Mas, ao mesmo tempo, a gente ficou contente por ver que o Leandro estava perto do seu público, agradecendo por todo apoio e orações, e recebendo de volta só amor e boas energias. Infelizmente, aquela seria a última vez que ele ia aparecer em público.

O tumor não parava de crescer dentro do peito do Leandro, e a gente ficava esperando a hora de algo mais sério acontecer. E essa hora chegou: num começo de noite, ele sofreu uma parada cardíaca e respiratória. Por sorte, havia médicos e enfermeiros lá, que conseguiram reverter a situação e levar ele para o hospital, onde ele foi encaminhado direto para a UTI. Quando me deram a notícia, eu estava em Cuiabá fazendo shows. Peguei um avião e fui correndo ver o Leandro. Mas, quando cheguei lá, me faltou coragem para entrar na UTI.

Só de imaginar a visão dele sedado, sem reação, cheio de tubos, respirando por aparelhos, eu ficava apavorado. Por mais que eu já esperasse, ainda não estava preparado. Eu tinha memórias muito boas do Leandro, que eu queria guardar. Aquilo tudo era terrível. Lá no hospital, os médicos disseram que o *stent* que eles tinham colocado na veia cava do meu irmão, para ajudar a circulação do sangue, tinha ficado amassado, destruído mesmo, por causa da pressão daquele maldito tumor. A esperança que eu tinha se acabou naquela hora.

E depois, moço, aconteceu o que os médicos falaram que ia acontecer. Os boletins médicos só davam notícia ruim, mas, mesmo assim, eu fui cumprir nossos compromissos. Era uma turnê pelo Nordeste e, na noite em que o Leandro se foi, eu tava na Bahia, em Caldas de Cipó. Antes do show, eu fiquei acompanhando as notícias pela TV. Toda vez que entrava aquela música do plantão da Globo eu ficava assustado. Lá no quarto do hotel, a imagem tava ruim e o telefone não pegava bem. Liguei para a Mariana e implorei: “Pelo amor de Deus, não me deixa ficar sabendo da notícia pela televisão!” Eu, querendo sair pro show, e a toda hora dava mais uma chamada de plantão! Aí, de repente, quando eu fui tomar banho, a imagem da televisão sumiu. Chamei um cara pra arrumar o aparelho e ele disse: “Não sei o que deu na TV, não.”

Era uma premonição. E lá fui eu fazer aquele show, o mais difícil da minha vida.

Eu estava cantando “Eu juro” quando senti uma coisa muito ruim. E não deu outra. Foi só eu sair um instante do palco e o meu irmão Alessandro veio me abraçar e me dar a notícia: “O nosso irmão não vai sofrer mais, ele acabou de morrer.” Eu nem tinha acabado de fazer o show, não deu pra pensar mais em nada. Naquela hora, eu não sabia mais se tinha sido uma notícia boa ou uma notícia ruim. O Leandro tava sofrendo demais. Quando ele morreu, o tumor estava do tamanho de um mamão papaia. A coisa explodiu no peito dele!

Bom, aconteceu o que aconteceu, eu vim embora para São Paulo sendo consolado pelos amigos. E foi aquele Deus nos acuda. Aquele nocaute. Você fica tonto, não sabe onde é que você está, ou o que vai fazer em seguida. Eu só conseguia lembrar aquele irmão que me pegou pela mão, eu que não entendia nada de música, de contratos, de imprensa... Eu que só comecei a cantar porque ele estava do meu lado. Porque irmão maior, quando é próximo, sabe como é que é, né? Ele vira um ídolo do irmão menor! Pô, eu só queria catar tomates, sonhava em jogar futebol, era tudo que eu queria. E ali estava eu, voltando para casa, para reencontrar aquele irmão. Juro, eu sentia como se ainda fosse ver ele lá, como eu sempre o conheci, e que aquele sacana ainda viria me falar: “Você é burro mesmo, Emival!”

UM SONHADOR

*Eu não sei pra onde vou
Pode até não dar em nada
Minha vida segue o sol
No horizonte dessa estrada*

*Eu nem sei mesmo quem sou
Nessa falta de carinho
Por não ter um grande amor
Aprendi a ser sozinho*

Composição Piska

Disco Leandro & Leonardo

Gravação BMG Brasil (1999)

desculpe, mas
eu vou chorar



O CORPO DO LEANDRO FOI LEVADO PARA A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DE SÃO PAULO, acompanhado por um longo cortejo, com apoio de quinze viaturas da PM. Parecia o dia do enterro do Ayrton Senna, eu pensava, só que ali era o meu irmão. Quando ele chegou, a fila do povo querendo dar o último adeus dava voltas no quarteirão. Mesmo com tudo que a gente tinha passado nos últimos anos, eu não conseguia acreditar naquilo. Os nossos amigos, aqueles do começo da carreira, os da estrada, os da televisão, já estavam todos lá, cercando o caixão. Eu cheguei meio sem querer chegar. Foi só quando vi o Leandro, o Luís, ali, sereno, sem movimento, é que a ficha caiu. Eu me desesperei, me debrucei sobre ele e fiquei conversando, falando tudo aquilo que eu não tive tempo de falar com ele. Eu chorava, chorava, chorava... Eu perguntava, meio querendo sacudir ele de volta à vida: “Por que você foi embora sem me dizer adeus?”

Ali, naquele desalento, eu só tinha um pensamento: se Deus me abençoar, nunca mais quero ter uma imagem daquelas na vida! De chegar ali e todo mundo ficar parado, só me olhando, com pena. Eu não sei como é que eu tive força de chegar lá perto. Havia alguns amigos que quase chegaram ali pra me abraçar, pra me segurar, porque achavam que eu ia desmaiar. Você imagina como nós já tava massacrado! Foram 63 dias de sofrimento com a doença, só notícia ruim. O alento foi o carinho do público. Mais de 25 mil pessoas passaram pelo velório. Era dia de jogo do Brasil com a Noruega, pela Copa, mas em todas as rádios e televisões só se falava da morte daquele agricultor de Goianápolis.

Naquele mesmo dia, 23 de junho de 1998, eu segui firme, ao lado do caixão do Leandro, até Goiânia, onde ele ia ser enterrado. Mais uma vez, o povo chegou de todo canto, e mais uma vez ele nos acompanhou o tempo todo. O velório varou a noite, no ginásio Rio Vermelho, e na manhã seguinte foi rezada uma missa. Nossa mãe pediu para que todos cantassem “Nossa Senhora”, do Roberto Carlos, e foi assim que a gente se despediu do meu irmão. Eu não conseguia aceitar o fato de que estava chegando a hora de me separar dele. Eu morri um pouquinho ali. O enterro foi feito na presença da nossa família e de alguns amigos mais próximos. Eu e o Zezé Di Camargo puxamos o coro de “Não aprendi dizer adeus”.

*Não aprendi dizer adeus
Não sei se vou me acostumar
Olhando assim nos olhos teus
Sei que vai ficar nos meus
A marca desse olhar*

Eu nunca imaginei que um dia ia cantar essa música para o meu irmão... e sem o meu irmão! Mas a vida é engraçada mesmo, prega essas peças na gente... Adeus, Leandro, meu companheiro, um dia a gente se encontra por aí! E aí vou pagar aquela cerveja que eu fiquei devendo, contar aquele causo engraçado que eu ouvi na farra. E aí nós vamos cantar todas aquelas músicas bonitas!

Depois do sepultamento, eu queria um tempo para pensar, queria me afastar daquele mundo de gente me perguntando coisa atrás de coisa. Então, fui para a fazenda com a minha mãe, meu pai, meus filhos, mulher... E lá, depois do quinto dia, o Aloysio Legey, diretor do *Amigos* da TV Globo, me ligou e me chamou: “Você não quer ir à França cantar?” Era lá que estava acontecendo a Copa do Mundo. E eu fui taxativo: “Não, não dá.” Cantar era a última coisa que eu pensava em fazer naqueles tempos. Mas ele insistiu, insistiu: “Não adianta você ficar aí, se remoendo. Eu sei pelo que você está passando, mas vamos lá! Porque o Brasil vai te pegar no colo!” Rapaz, não vou esconder que fiquei mordido com a proposta!



Missa de sétimo dia do Leandro



Cortejo do enterro de Leandro em Goiânia.

Bom, eu ainda tentei escapar, dizendo: “É isso que você acha, Legey? Eu não vou dar conta de cantar!” E ele, rapidinho: “Eu sei que você não vai dar conta, mas eu vou arrumar uma música e quem vai cantar é o Xororó e o Zezé, o Chitão e o Luciano. Você só começa a cantar e eles acabam pra você. Vem, vai ser bom pra você, para mim, pra todo mundo. Vai ser bonito.” Eu ainda fiquei em dúvida. Por um lado, que o Legey estava coberto de razão, estava. Eu tinha que seguir cantando, o Brasil precisava daquilo. De Leandro e Leonardo, quem tinha sobrado era eu. Era uma responsabilidade, um dever meu. Por outro lado, meu coração estava destroçado, eu não conseguia seguir com aquilo que o Leandro tinha começado. Tudo doía demais. Fui falar com meu pai, com minha mãe, com meus irmãos, e todo mundo dizia exatamente a mesma coisa: “Vai! Vai, porque Deus e Leandro estarão junto de você!”

Bom, aquilo conseguiu me convencer. Peguei um avião e lá fui eu para a França. No meio do caminho, eu ficava lembrando os versos de uma velha canção que eu cantava com o Leandro lá naquele nosso primeiro disco, chamada “Minha cruz”:

*Não tenho os poderes que teve Jesus
não tenho mais forças para carregar a
minha cruz*

O negócio era aquele: eu queria subir naquele palco, eram minhas pernas, o meu corpo todo que se recusavam. E na hora H, não deu outra! Quando eles me chamaram para cantar, lá em Paris, no evento *Globo 500 Anos*, não saiu nem a primeira frase. Foi doído, eu só conseguia chorar. Ainda bem que os amigos me ampararam e cantaram. Sozinho, eu não ia mesmo conseguir.

Ainda fiquei mais um tempo sem trabalhar depois daquilo. Na minha cabeça, havia só aquela ideia de parar, de parar de cantar, uma ideia persistente. Passava dias e dias com aquele pensamento: “Não vou mexer com isso aí mais, não. Já deu o que tinha que dar.” Ficava esperando algum sonho em que o Leandro me mandasse uma mensagem. Os dias, os meses se passavam, e eu naquela prostração. A velha timidez voltou forte. De repente, eu me sentia como aquele menino que ia se esconder debaixo da saia da dona Carmen toda

vez que entrava uma visita em casa. Meus filhos foram uma alegria para mim nessa hora. Eu via eles brincando, inocentes, e aquela pureza me lembrava quando eu e Leandro éramos pequenos. Não, aquilo ali não podia ser o fim! Eu não estava sozinho, tinha que acreditar num recomeço. E aí eu lembrava dos fãs, daqueles que nos apoiaram no começo do sucesso e que sofreram ali, junto comigo, junto com a minha família. Eles ficavam pedindo pelo amor de Deus para eu não abandonar a carreira, porque o Leandro não ia gostar se eu parasse. Eles diziam que eu tinha que dar sequência nessa carreira bonita.

Das poucas vezes que eu saí de casa foi para ir a um programa de televisão. A gravadora tinha armado uma festa para eu receber um disco de platina pelo milhão de cópias vendidas de *Um sonhador*, o último disco que eu tinha gravado com o Leandro e que foi lançado no dia 15 de julho, pouco depois da morte dele. Eu não estava nada para festa, pode acreditar. E só fui mesmo em respeito ao público. Eu continuava a sofrer muito e tenho certeza de que quem me viu na televisão percebeu. Mas aquilo me fez começar a prestar atenção, de verdade, na letra da música “Um sonhador”, aquela que o Leandro tinha cantado no avião, na volta de Baltimore. Não é que ela parecia um recado pra mim?

*Eu não sei pra onde vou
pode até não dar em nada
minha vida segue o sol
no horizonte dessa estrada
eu não sei mesmo quem sou
nessa falta de carinho
por não ter um grande amor
aprendi a ser sozinho*

Aquele disco continuou a ser divulgado pela gravadora sem a minha ajuda, eu simplesmente não conseguia fazer nada. E vendeu 3 milhões de discos em seis meses.

Fiquei seis meses sem cantar. Não foi fácil voltar. Eu passava dias inteiros no quarto, sem conseguir dar um passo à frente. Uns pensamentos ruins vinham me tentar, mas eu afastava eles dando um safanão no ar. Eu sentia como nunca a falta do Leandro, a falta daquele impulso, aquela voz reconfortante dizendo:

“Vai dar certo, meu irmão, vamos lá!” Enquanto isso, na minha ausência, os fãs faziam campanhas, correntes para que eu voltasse aos palcos. Tudo de forma espontânea, sem que eu aparecesse na TV ou nas revistas, o que me surpreendeu. Porque a coisa mais fácil para um artista, e eu vi isso um tanto de vezes, é ser esquecido. Nosso público se recusava a esquecer de nós. E isso, aos poucos, foi me enchendo de força. Aquela força que eu nem sabia que tinha, mas que sempre esteve ali, guardadinha, só esperando a hora certa. Coisa de Deus, que não canso de agradecer.

Foi ali, dando um passo de cada vez, que eu comecei a voltar. O primeiro show, por coincidência, foi em Bragança Paulista, lá onde tinha sido o último do meu irmão. Foi numa concha acústica muito bonita, lotada. Logo eu reparei numa pomba branquinha. Ela havia entrado no palco no começo do show e ficou andando de lá para cá. O povo chegava perto, ela voava só um pouquinho e voltava. Eu ia pra ela com o pedestal do microfone, ela voava e voltava... Eu pensei: “Gente, que estranho!” Fui para o camarim e me falaram: “Leonardo, ela tá aí desde que começamos a montar o palco.” Voltei para o show e falei dela para o público. Todo mundo se emocionou muito e aplaudiu. O povo, quando tem fé, até na pombinha branca acredita, vê aquilo como um sinal. Em seguida, fui para Brasília, para fazer um show fechado. De lá, liguei e me contaram: “Leonardo, enquanto não desmontaram a última caixa de som, aquele pombinha não foi embora. Só quando nós botamos o equipamento no carroto foi que ela voou.” Rapaz, eu fiquei impressionado com a história e não duvidei mais daquela força que me empurrava de volta para o palco. O Leandro estava realmente comigo!

Bom, aí não teve jeito: voltei a cantar. O primeiro mês foi fogo. O povo pedia e eu tinha que falar no Leandro direto, era muito difícil para mim. Eu chorava todo show. Eu nem sabia o que queria cantar. A gravadora queria saber de disco, de disco, e eu enrolava eles o quanto podia. Não queria nem pensar naquilo, mas eles me fizeram ver que eu não estaria sozinho, que eu tinha muito mais amigos do que imaginava. Amigos talentosos, que iam me ajudar a gravar um disco lindo, que deixaria o Leandro cheio de orgulho. E acabei sendo convencido.

De pouquinho em pouquinho, eu fiz o *Tempo*. Um disco muito bom, muito bem preparado, conforme o prometido. Embora gravado com muita dificuldade por causa da emoção. Eu fui obrigado a ficar dentro do estúdio o tempo inteiro, na mesma cadeira em que o Leandro sentava. Imagina só a situação: o mesmo estúdio, o mesmo produtor, o mesmo tudo. Mas o povo nos recebeu com muito

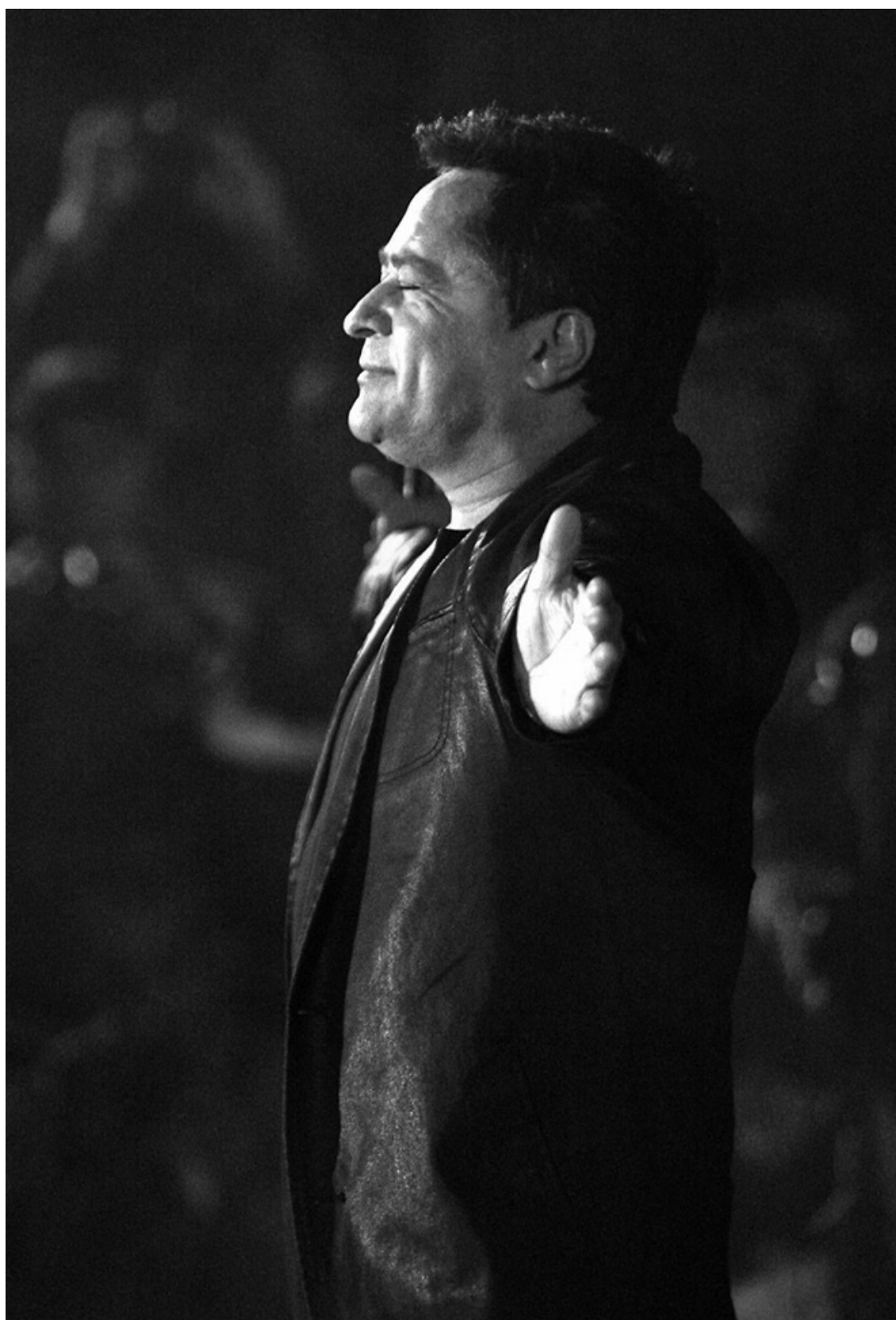
carinho e o disco foi um estouro, vendeu muito. Teve o videoclipe com a música do Roberto Carlos, “120... 150... 200 km por hora”, que ficou muito bonito. E ainda gravei uma composição do Chitão e do Xororó, “Mano”, que começa mais ou menos assim:

*Mano, você é meu sangue
mais que um amigo
me dizia coisas
que até hoje eu sigo
e será pra sempre
um pedaço de mim*

Foi dureza segurar o choro!

Devagarinho, eu fui voltando a me sentir à vontade nos palcos. E veio a ideia, que no início me assustou um pouco, de fazer um DVD ao vivo, dirigido pelo Miguel Falabella. O negócio aconteceu quando ele chegou e falou pra mim: “Vamos começar esse espetáculo pra cima, pra que ele não tenha uma conotação de tristeza. Depois você canta o que quiser.” Eu, que não tinha noção do que ia cantar, perguntei, então: “Vamos gravar o quê?” E ele: “Música dos anos 1960, rock’n’roll, country... Vamos!” Moço, eu gostei da ideia dele! E foi um sucesso, a gente entrava com uma moto no palco... Fiquei com esse espetáculo três anos na estrada. E foi assim que a minha carreira solo emplacou. Entre CDs e DVDs, vendemos umas 6 milhões de cópias. Eu sentia a mão do Leandro ali, me guiando pelo bom caminho novamente.

Outros discos se seguiram, muitos shows também. E eu não me sentia mais tão desamparado. Os anos se passaram, os filhos cresceram. O do Leandro, Thiago, formou uma dupla com o meu, Pedro Leonardo. Era Pedro e Thiago, que chegou com tudo em 2002, já ganhando disco de ouro, e cada um cantando mais bonito que o outro. De uma certa maneira, a história se repetiu. Hoje eu sei que, da minha carreira solo, meu irmão é pelo menos uns sessenta por cento. Nada disso teria acontecido se eu não tivesse tido o aval dele, mesmo não estando mais aqui. Ele está olhando para mim lá de cima, de qualquer andar que esteja.



Até hoje, tenho muitos sonhos com o Leandro. Em algumas das coisas que eu gravo, ele dá palpite, diz se a música é boa ou não. Teve vezes que eu pedi reforço na divulgação de algumas faixas que ele me disse em sonho que eram boas. Tinha uma que se chamava “Tô fora”, em que eu cantava:

*Medo de perder você de novo
e descobrir que não dá mais*

Pois bem, trabalhei ela nas rádios porque o Leandro tinha me recomendado e até que ela foi bem.

Leandro sempre me dá sorte. Duro é quando chega perto do aniversário da morte dele. Nesse dia é aquele dilema. Quase sempre eu estou trabalhando, mas fico vendo na TV o povo visitando o túmulo dele em Goiânia. Todo ano a gente prepara algo bonito, planta as flores, rega as plantas, para que as pessoas vejam lá uma coisa viva, um cenário bonito. As plantas, a natureza, isso era uma coisa que ele amava de verdade.

MANO

*Mano,
Você é meu sangue,
Mais que um amigo,*

*Me dizia coisas que
até hoje eu sigo,
E será pra sempre um
pedaço de mim*

Composição Paulo Debétio/ Paulinho Resende/ Chitãozinho/ Xororó
Disco RCA – 100 anos de música – Leandro & Leonardo
Gravação BMG Brasil (2001)

você ainda
vai voltar



A VIDA SEGUE SEU RUMO E, NESSE EMBALO, não vou dizer que a gente se esqueça daquilo pelo que passou. Esquece, não. As pedras no caminho, as pessoas queridas que se perdeu, tudo continua lá. Mas a gente deixa elas um pouquinho de lado, seja para viver um novo amor, ver os filhos crescerem, desfrutar de um bom momento profissional, pescar com os amigos, tomar umas e outras... Quando a gente se dá conta, os anos se passaram e a certeza de que a tranquilidade vai nos acompanhar pelo resto da vida é cada vez maior. Só que, quando a gente menos espera, vem um baque. E o meu veio um dia de manhã. Sabe aquela coisa? Você está aqui de boa, toca o telefone, alguém vem e fala: “Ó, o seu filho sofreu um acidente.”

Foi um trem horrível. Na noite anterior, ele tinha cantado em Uberlândia com o Thiago. Voltando para casa, na altura da cidade de Tupaciguara, o carro que ele dirigia capotou e o corpo foi arremessado pra fora. Eu sempre falava com o Pedro: “Não vai dirigir depois do show! Durma na cidade e venha descansado!” Mas jovem, com mulher e filha neném em casa, sabe como é... Consegui falar com o médico no hospital em Itumbiara, que é para onde ele tinha sido levado depois de socorrido de emergência, e perguntei como é que ele estava. O doutor me disse assim: “Olha, ele tá ruim demais! Ruim, ruim, ruim. Não escapa, não.” Assim.

Fiquei sem chão. Ainda perguntei: “É isso mesmo, doutor?” E ele continuou: “O Pedro está com começo de hemorragia. Eu vou cortar ele e tirar o sangue.” Na mesma hora eu falei que podia cortar. Não sei de onde é que eu tirei tanta frieza. O médico segurou a onda também e avisou: “Então, enquanto você não chega por aqui, eu vou fazendo o que há para se fazer.” Uma hora depois, eu liguei de novo e ele me disse: “Olha, já drenei o sangue, drenei até terra que ele tinha aspirado. Lavei tudo dentro dele. Ó, Leonardo... sei não... Só por Deus mesmo!” Entubaram o Pedro com terra e tudo, ele tava morrendo. Nós demos muita sorte com os médicos que atenderam ele, o desfecho bem poderia ter sido outro, uma tragédia.



Pedro curtindo com seu pai suas primeiras férias na fazenda depois do acidente.

Enquanto eu corria para lá e para cá, me veio aquele pensamento: “Nossa, era tudo aquilo que eu passei com o Leandro acontecendo de novo!” Só que acontecendo de repente. Nem deu tempo para me preparar, como foi com o meu irmão. E, ali, era eu que tinha que tomar a frente das decisões, antes que fosse tarde demais. Perguntei para o médico o que ele achava que se deveria fazer. Ele aconselhou: “Ó, leva pra Goiânia. Aqui é bom, mas não tem esses recursos que tem lá.” Mais do que depressa, mandei uma UTI móvel pra Itumbiara. Minha irmã, a Mariana, foi junto, pegou o Pedro lá e acompanhou ele até Goiânia. Moço, aquele menino grande, de um metro e noventa, quase que não passa pela porta pequena do avião!

No caminho até o hospital, a polícia de Goiás parou o trânsito para ele passar com a ambulância. Foi aquela corrida contra o tempo, a luta pela vida. Logo que o Pedro chegou lá eu liguei e perguntei: “Mariana, como é que ele está?” E ela, tentando me acalmar: “Daqui a uma hora você pode vir e ver ele.” Chegamos lá eu e o meu filho Zé Felipe. Quando entrei na UTI, moço, foi um choque. Eu nunca tinha visto um trem daqueles na minha vida! O Pedro estava entubado e bufava. Ele chegava a cair da maca, de tão braba que estava a situação. Ele tava ruim, ruim, praticamente nas últimas. A situação era a seguinte: trauma no abdômen, fratura no fêmur, contusão no pulmão e edema cerebral. Coma induzido, estado gravíssimo... Eu me desesperava e dizia: “Ai, meu Deus do Céu, o que é que nós faz?”

No meio disso tudo, eu ainda tinha um show no Rio de Janeiro. O povo, sempre do meu lado, aconselhava: “Ah, cancela, cancela, cancela!” Mas eu não ia cancelar aquela data, os ingressos estavam todos vendidos, eu tinha que ir. Eu falei, então: “Vou fazer o que aqui? Deixa eu trabalhar lá, que de manhã cedo eu tô aqui de novo.” Fui ao show e, quando eu voltei, o Pedro tava pior ainda. Ele tinha inchado vinte quilos numa só noite, aquilo ia comprimir tudo por dentro! Ai, Jesus! A doutora Ludmila, que era chefe da UTI do Sírío Libanês, em São Paulo, pediu liberação e foi à Goiânia, para acompanhar de perto o Pedro. Ela era de Anápolis, bem perto de Goianápolis, a nossa terra.

A doutora ficou de avaliar que horas é que se podia tirar o Pedro de Goiânia para ir pra São Paulo. Uns médicos diziam que era para deixar lá, outros diziam que era para tirar mesmo, porque ele ia morrer naquele hospital. E ainda tinha aquela dúvida: e se ele morrer durante o transporte? Era um risco muito grande a se correr. Tinha que se descobrir qual a hora certa de tirar ele de Goiânia. Pra

piorar tudo, à noite o Pedro teve uma parada cardíaca de oito minutos. Foi muito choque que esse menino levou dos médicos até o coração dele voltar a bater! Nessa, já tinham ligado pra Ede Cury dizendo que era para me levar para o hospital porque o Pedro ia entrar em óbito a qualquer momento. Começaram a ver onde ele ia ser velado, em que cemitério ia ser enterrado... Só depois que ele voltou, com aqueles choques, é que me disseram o que tinha acontecido. A sorte é que o garoto é forte!

O Pedro ainda teve mais duas paradas cardíacas, mas resistiu firme. O rim estava ruim, ele teve que fazer hemodiálise. E seguia em coma. Sei que ele ficou uns seis dias lá no hospital até que começou a dar uma reagida e o seu estado clínico se estabilizou. Até que teve um dia em que o doutor falou: “Leonardo, pra tirar o Pedro daqui, tem que ser agora!” Chamamos mais uns três médicos de São Paulo pra lá e botamos ele num aviãozinho.

Mais uma vez, foi aquele desespero. Na correria para embarcar o Pedro, a maca ficou presa na porta. Meio corpo pra fora, meio corpo pra dentro. Foi um custo até ele entrar! A viagem foi num desses aviões que voam a mil por hora, mas, quando ele chegou em São Paulo, o céu estava preto, preto, quase que não tinha como pousar em Congonhas. Só que aí apareceu uma brechinha, daquelas “é-agora-ou-nunca”, e ele pousou. Ufa! Aí tinha o caminho até o Hospital Sírio Libanês. Não tinha como arriscar botar a maca num helicóptero, então, ele teve que ir de ambulância. A polícia ajudou a abrir o caminho na avenida 23 de maio, mas mesmo assim foi angustiante. Foi mais uma corrida contra o tempo, os médicos passaram o trajeto todo gritando: “Nós vamos perder o Pedro! Nós vamos perder o Pedro!” Imagina se eu estivesse lá, eu é que tinha morrido, de ataque cardíaco! Cada segundo que se passava era um risco a mais para a vida do Pedro. Eu, que vim num avião bem menos veloz, acabei chegando ao hospital quase que na mesma hora que ele.

Quando o Pedro chegou, ele tava com zero de pressão. Zero! Mas passou um pouquinho de tempo e ele começou a voltar. De repente, as máquinas estavam funcionando de novo e lá vinha o menino de volta! Até hoje eu falo com ele, brincando: “Cara, você morreu umas quatro vezes!” O Pedro ri, mas não lembra de nada, de nada. Ele teve alguns problemas com a memória recente, mas melhorou um pouquinho a cada dia. Eu ainda falo: “Ó, se não fosse a polícia abrir o caminho, você não tinha escapado!” Mas esse nem foi o último susto que ele deu.

Teve ainda o dia em que eu fazia o meu show no Credicard Hall, em São Paulo, e a equipe de médicos estava toda na fileira da frente. Era o melhor dia

do Pedro, eles estavam todos alegres. Ele tinha levantado a cabeça e eu até contei isso para o público, todo bobão. O povo aplaudiu e tudo. Do meio do show para a frente, quando eu olho, não vejo mais nenhum médico. Só quem tinha ficado no hospital era a Cida, a mãe do Pedro. A Ede Cury tinha sentido uma coisa ruim e ligou pra ela para saber se tinha acontecido algo. A Cida estava aos prantos. Os pontos no abdômen do Pedro, que tinham sido feitos em Itumbiara pelo primeiro socorro, tinham aberto, e, como diz o povo da roça, a buchada saiu toda pra fora. O trem começou com uma mancha de sangue no lençol. Quando a enfermeira levantou, tava tudo aberto. E eu lá, no meio do show! Quando fui para o camarim, todo mundo tinha sumido. Mas depois fizeram uma cirurgia boa nele, e a recuperação continuou. Lenta, mas constante.

Uma hora, os medicamentos que mantinham o meu filho sedado foram retirados. Mas ele continuava em coma. A campanha que os fãs faziam na internet até mudou de “Força, Pedro!” para “Acorda, Pedro!”. A gente não sabia se ele ia acordar em dez dias ou dez anos. Nessa hora, a gente só contava com o carinho do povo, com as suas orações tão sinceras, com os presentes que as pessoas mais simples mandavam. Até café o povo mandou, para eu ficar tomando, acordado, lá do lado dele! Isso me fez ver o quanto o Pedro era querido, o quanto eu era querido. Ficava pensando só assim: “Com essa corrente toda de orações, o Homem pode ouvir mais rápido.” Eu pedia muito para que o Pedro saísse daquela. Como eu queria que ele dissesse algo! Eu ficava na UTI sem saber o que ia fazer e falava: “Acorda, vagabundo, vamos trabalhar!” Sussurrava no ouvido dele e juro que um dia ouvi um suspiro mais profundo quando falei da Maria Sophia, a filhinha dele.

Nesse tempo da recuperação, a família foi toda lá para casa. Quando o telefone tocava, era um susto. Dormir era difícil, qualquer barulho de passarinho já assustava. A gente dormia em prestações. Na cabeceira da cama, eu tenho duas imagens de Nossa Senhora de Fátima: uma grande e uma pequena. A grande tem uma coroa, a pequenininha perdeu a coroa. Uma noite, dormindo, eu vi uma mulher que ajoelhou na beira da minha cama, com um lenço branco na cabeça e um vestido azul. Ela passou a mão no meu rosto e falou: “Ó, são sete vezes, viu?” Eu acordei e vi um vulto sair pela porta. Fiquei quieto, pensando. No outro dia, olhei para a imagem da Nossa Senhora pequena, sem coroa, e pensei: “Foi essa que veio aqui!” Lembrei muito do Leandro e da Nossa Senhora que ele viu quando era criança.



O carinho dos fãs na torcida pela recuperação de Pedro.

No outro domingo, exatamente sete dias depois disso, eu estava em Goiânia, fazendo show. O Pedro já vinha fazendo uns barulhinhos. A gente vivia pedindo para ele dizer oi. A gente falava: “Acorda, Pedro!” Ninguém mais sabia o que fazer, ele estava sem qualquer aparelho, mas nada de acordar. Bom, naquele domingo, a médica tinha arrumado o lençolzinho dele e, do nada, ele disse um “muito obrigado”. Moço, ela quase desmaiou! A Cida, que estava lá, ouviu o “Oi, mãe” pelo qual ela estava esperando tanto. Foi uma alegria só! Voltei que nem um louco logo que me contaram: “Seu filho acordou, agora é só ele melhorar.” Naquele domingo, eu vi que milagres existiam. O Pedro Leonardo era a prova, ele nasceu de novo. Um mês depois do acidente, eu enfim tinha o meu Pedrão de volta, do jeito que ele era.



O primeiro programa de TV do Pedro depois do acidente.

Daí em diante, foi só acertar os ponteiros. Uma cirurgia na perna esquerda, fisioterapia, fonoaudiologia, testes neurológicos... O Pedro saiu da UTI logo depois disso. Mais um tempo e ele começou a comer comida sólida, para recuperar os 27 quilos que tinha perdido naquele calvário. O resto foi indo aos poucos: ele voltou a ler, a tocar violão. Um dia, até cantou com o Thiago! Eu ficava besta, um cara que chegou, assim, pertinho da morte! Ainda no hospital a gente fez a festa de aniversário dos 25 anos do Pedro e ele recebeu a primeira visita da Maria Sophia desde o acidente, uma coisa muito emocionante. Logo, ele estava andando na esteira e tudo. A recuperação não tinha limites! Por fim, depois de 81 dias de internação, o Pedro teve alta. E saiu do hospital com uma camiseta que dizia, em inglês, “Nunca desista”.

No fim do ano, perto do Natal, chegou a vez de eu ganhar o meu presente: o Pedro estava bem e cantou pela primeira vez na TV desde o acidente, no *Faustão*. Eu estava ali, ao lado dele, mas com um medo lascado, moço! Eu pensava: “Na primeira falha dele, eu entro rasgando! Que nem nos tempos de Leandro e Leonardo, a dupla imbatível da música sertaneja!” Mas nem precisou, tudo deu certo. Como sempre. No fim da história, tudo dá certo.

para nunca
dizer adeus



QUANDO A ENXURRADA DE MEMÓRIAS E TODA AQUELA VIAGEM PELO PASSADO TERMINOU, eu me dei conta de que o dia tinha raiado. Que daqui a pouco a criançada estaria acordada, querendo café da manhã e ação. O esplendor daquele sol espanando um resto teimoso de madrugada me lembrou de que um papo ficara pendente. O papo com o Criador, que há muito eu vinha evitando. Pois é, o que eu tinha para dizer era: olha, Você me castigou uma época, mas depois me deu uma alegria boa! A vida é assim mesmo. Agora eu estou preparado pra tudo nesse mundo. O que eu já passei na minha vida... Nada mais me amedronta, nada me assusta mais.

Hoje em dia, quando eu ouço alguém reclamando de barriga cheia, reclamando de coisa pouca, eu fico injuriado. E dá uma vontade de dizer: ó, gente, o que é ruim é doença. Ruim é você perder um ente querido. Perder alguém que você ama, isso sim é um negócio que não tem volta. Ruim é você receber a notícia de que o seu filho capotou com um carro e tá lá longe, no morre-não-morre. A gente inventa problema aqui, problema ali... No fim das contas, é tudo bobagem. E essas coisas, ah, hoje em dia eu tiro tudo isso de letra!

A idade está chegando. Acho que está na hora de dar uma pensada no que foi feito, no que aconteceu. No que a gente fez de errado, de certo... Depois do que aconteceu com o Pedro, eu dei uma baqueada. Minha ficha caiu, fiquei meio transtornado e percebi que a gente não vale nada nessa vida, que estamos aqui e amanhã podemos não estar mais. Vi que, de 50 anos pra cima, a gente não tem mais muito direito de ficar errando, não. A gente já está dobrando o cabo da Boa Esperança! Estamos indo já. Hoje, fico pensando muito no Leandro, que não conseguiu pensar nessas coisas a tempo... Seria tão bom ter ele aqui, do meu lado, agora!

Daqui para a frente, as coisas têm que ser muito calculadas. Não posso mais seguir de forma tão afoita. Tenho que fazer as coisas com mais calma. Parar, talvez não seja esse o caso. Os apreciadores das minhas músicas têm aumentado em número nos últimos tempos. Só que não são mais as menininhas de 15 a 25 anos, são os caras de 40 anos para a frente. Tenho é que fazer música para esse povo, cantar o amor, cantar o romance. Preciso me voltar para os violinos, os metais, aquilo que o povo escuta e chora. Preciso gravar música apaixonada, aquilo que a gente escuta quando vai pros lugares beber e pescar.

Música apaixonada. Na nossa época de Leandro e Leonardo, houve uma revolução muito grande na música sertaneja. Mas hoje tem uma revolução ainda maior do que a nossa, os sertanejos estão em todas as novelas! A nova geração chegou com muita força, e eu sei que chegou pra ficar.

O Zé Felipe mesmo, o meu filho, tá com toda pinta de que vai virar cantor famoso. O povo vai levando ele pra lá e pra cá e ele vai. Ele é muito carismático, sabe? Queria muito que ele fosse meu sucessor. Vou dar força, embora saiba que isso não depende apenas de mim. É... família é isso aí. O meu pai, seu Avelino, era pra ele ter sido um homem de sucesso. Ele canta muito! Mas a missão caiu pra cima de mim e do Leandro. E a gente seguiu a vida, cumpriu o que estava escrito no destino, nas estrelas. E fizemos bonito, moço!

Nem tudo foi perfeito, porém. Os amores foram e vieram, não vi meus filhos crescerem. Não sei como é que vai ser daqui para a frente. Espero poder continuar como sempre, aqui na fazenda, com eles. Acordar cedo, tomar café juntos, andar de *jet ski*, de caiaque. Depois, nadar na piscina ou no lago, mexer com os bois e os bezerros no pasto. À tarde, jogar bola, correr pela mata... e, depois, todo mundo pro banho! Por fim, tem que ter aquela cantoria até altas horas. Ah, isso não pode faltar. Sempre juntos. Pra nunca mais ter que dizer adeus.



UMA HISTÓRIA SEM FIM

por Silvio Essinger

Este livro foi feito para contar uma história. Ou melhor, para contar as várias histórias dos primeiros 50 anos de vida de Emival Eterno, o Leonardo, um tímido lavrador do interior de Goiás que descobriu uma voz de ouro e saiu pelo Brasil e pelo mundo com seu irmão Luís, o Leandro, cantando as canções de um povo que trabalha, sofre, reza, ama e nunca perde a esperança. Todo esforço foi feito para entrar na cabeça desse eterno menino, envergonhado mas muito brincalhão, com um coração do tamanho do mundo, que enfrentou a pobreza, o preconceito, todas as perdas e intempéries do destino, para seguir levando alegria e sonho ao seu público. Leonardo é um dos melhores contadores de histórias que esse autor já conheceu, e era fundamental que sua fala, seu pensamento, sua comovente visão de mundo fossem respeitados no relato. E as histórias fluíram.

Para um escritor que entrou no projeto sabendo apenas aquilo que todo mundo sabe sobre a história de Leonardo, foi necessário, além de um bocado de papo (sempre prazeroso) com o artista, uma pesquisa rigorosa e uma imersão na sua obra e no seu universo. Foi inevitável deparar-se com os milhões de discos vendidos, os grandiosos especiais de TV, as multidões nos shows, a fama pura e simples. Algo importante, sim, para comprovar a força da arte que Leandro e Leonardo construíram, contra todos os empecilhos de um Brasil culturalmente voltado para as grandes cidades e o litoral. A trajetória de Leandro e Leonardo segue aquela do crescimento econômico e da consolidação da democracia de um país ainda cheio de problemas, mas que, nos últimos anos, teve sucesso em incorporar (como consumidores e, em menor grau, como cidadãos) fatias significativas de uma população marginalizada, esquecida. A dupla de Goianápolis deu voz e visibilidade a esse povo que, aos poucos, veio surgindo no radar dos governantes e empresários.

Por outro lado, o autor foi brindado com a descoberta de uma personalidade cativante, de um artista que se faz grande e rege milhares de apaixonados, mas

que, no momento seguinte, volta a ser aquele menino pensando na próxima traquinagem. Além da voz, imensa, sem barreiras, Leonardo tem a perfeita compreensão do que é ser artista. Acima de toda vaidade, de todo o deslumbre que a fama proporciona, está nele a capacidade de comunicar-se com o público, de saber o que toca lá fundo. Leonardo é humano, demasiadamente humano. Ele bem sabe que não basta ter a melhor canção, o melhor arranjo, se não sentir o que está cantando e deixar bem claro que está sentindo. Não adianta toda correção do português, toda a poesia, se você não tiver a certeza de que o Leonardo está falando diretamente com você. Isso, ele sabe fazer como poucos.

É uma grande honra ser escolhido para escrever o livro de um dos maiores artistas da música desse Brasil. Mas qualquer pessoa que for chamada para encarar tal desafio só se sentirá verdadeiramente realizada com uma coisa: conseguir atingir, com sua escrita, metade que seja do poder de sedução que esse sujeito chamado Leonardo exerce quando abre a boca. Sendo assim, o autor só pode esperar que a leitura tenha cumprido todas as expectativas do distinto público.